

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**  
**ELIZABETH CHRISTINA RODRIGUES BITTENCOURT**

**HOSPITALIDADE NA SALA DE LEITURA EM UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo  
2015

**ELIZABETH CHRISTINA RODRIGUES BITTENCOURT**

**HOSPITALIDADE NA SALA DE LEITURA EM UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial do Programa de Pós-Graduação no Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles

São Paulo  
2015

**ELIZABETH CHRISTINA RODRIGUES BITTENCOURT**

**HOSPITALIDADE NA SALA DE LEITURA EM UMA ESCOLA  
MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial do Programa de Pós-Graduação no Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles

Aprovada por

Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles

Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa Amaral

Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno

Profa. Dra. Marielys Siqueira Bueno

## DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, por quem eu luto.

## AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Rosário Rolfsen Salles, primeiramente, por todo o acompanhamento, desde meu ingresso no Programa de Pós-Graduação. E também aos que compuseram as Bancas de Qualificação e Defesa, com suas sugestões e orientações.

Aos Professores do Programa de Mestrado em Hospitalidade, que com suas aulas e indicações de leitura me ajudaram a refletir sobre a amplitude da Hospitalidade desde suas origens até sua importância em todos os campos da sociedade moderna, especialmente no da Educação.

Aos funcionários da Universidade Anhembi, que com dedicação me atenderam, especialmente Alessandra Gislaine Marota, na Secretaria de Pós-Graduação, e também os que atuam na Biblioteca, que me auxiliaram nas reservas, solicitação de volumes em outras unidades, renovação de empréstimo e localização dos exemplares nas prateleiras, quando eu a eles recorria.

À EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita, na pessoa da Diretora, Professora Mara Neide Zago e todos os colegas, profissionais da Educação que me apoiaram e incentivaram durante minha permanência na função de Professor Orientador de Sala de Leitura e, principalmente, aos alunos com os quais convivi neste período e que tanto contribuíram para que aquele ambiente se tornasse mais humano e acolhedor.

À equipe da Diretoria de Orientação Técnica da Prefeitura - Sala e Espaço de Leitura, pelo imediato atendimento quando solicitei informações sobre as Salas de Leitura e Bibliotecas vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

À Prefeitura de São Paulo através da qual foi possível esta oportunidade de participar como bolsista no Programa de Pós-Graduação Programa De Bolsas Riley Scholars – Universidade Anhembi Morumbi no Mestrado em Hospitalidade.

## TEXTO-EPÍGRAFE

Há de ficar comigo uma saudade tua...  
Hás de levar contigo uma saudade minha...

*Alceu Wamosy*

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho consiste no relato sobre as possibilidades reais de acesso à leitura em uma Sala de Leitura, que oferecesse aos alunos meios de conhecimento do mundo. Foi elaborado a partir do relato dos resultados obtidos de um Professor Orientador de Sala de Leitura durante dezoito meses em uma Escola pública Municipal localizada em Santo Amaro, cidade de São Paulo. Dentro dos objetivos específicos buscou o estabelecimento de locais mais apropriados para fruição dos livros a partir da sugestão dos alunos. O referencial teórico, sob a perspectiva da hospitalidade, buscou evidenciar o valor das relações hospitaleiras entre os participantes, vistos como anfitriões e hóspedes. Os aspectos legais, propostas educacionais e de aprendizagem aplicáveis a Sala de Leitura foram estudados e respeitados. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e documental, de abordagem qualitativa, com método de pesquisa-ação, onde pesquisador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Como resultados, pode ser percebida a importância da ação protagonista dos alunos na reorganização do acesso aos livros, que se tornaram mais disponíveis para leituras e consultas. O arranjo espacial das mesas coletivas ofereceu o estabelecimento de novas formas de sociabilidade e interação, que propiciou um incentivo real à leitura, especialmente para aqueles alunos mais resistentes a esta prática. Foi possível concluir que a Sala de Leitura não confronta nem ocupa o lugar da Biblioteca e sim precede e prepara as crianças e jovens para as sua visitação, uma vez que o estímulo à leitura foi desencadeado.

Palavras-chave: Hospitalidade. Sala de Leitura. São Paulo. Prefeitura.

## **ABSTRACT**

The main objective of this work is on report of the real possibilities of access to reading in a reading room, that offers students ways of knowing the world. It was drawn from the reporting of the results of a Teacher Reading Room Advisor for eighteen months in a Municipal Public School located in Santo Amaro, São Paulo. Within the specific objectives sought the establishment of more appropriate places for enjoyment of books from the students' suggestion. The theoretical framework from the perspective of hospitality, sought to highlight the value of hospitable relations among participants, seen as hosts and guests. The legal, educational proposals and learning applicable to Reading Room were studied and respected. It is an exploratory, descriptive and documentary research, qualitative approach, method of action research, where researchers and participants are involved in a cooperative and participatory way. As a result, it can be perceived the importance of action protagonist of students in the reorganization of access to books, which have become more available for readings and consultations. The spatial arrangement of collective tables offered the establishment of new forms of sociability and interaction, which provided a real incentive to reading, especially for those students most resistant to this practice. It was concluded that the Reading Room does not confront nor takes the place of the Library, but precedes and prepares children and young people for their visitation, since the stimulating reading was triggered.

Keywords: Hospitality. Reception. Reading room. Sao Paulo. Prefecture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Logomarca do Programa “Quem lê sabe por quê”	34
<b>Figura 2.</b> Painel de fotos contendo as duas estantes da Sala de Leitura da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita e um aluno estudando	41
<b>Figura 3:</b> Mapa da região metropolitana com apontamento do endereço da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita	42
<b>Figura 4:</b> Parte da bacia hidrográfica da cidade de São Paulo – Zona Sul	42
<b>Figura 5:</b> Casa do “Sítio da Ressaca”	43
<b>Figura 6:</b> Localização da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita	45
<b>Figura 7 –</b> Representação esquemática da Sala de Leitura e seus principais equipamentos	47
<b>Figura 8 –</b> Representação esquemática de uma sala de aula regular	48
<b>Figura 9 –</b> Representação esquemática da Sala de Leitura	48
<b>Figura 10 –</b> Representação esquemática da inclusão de uma mesa (situação inicial).	54
<b>Figura 11 –</b> Representação esquemática da inclusão de uma mesa (situação definitiva).	54
<b>Figura 12 –</b> Localização das estantes “A” e “B” na Sala de Leitura	57
<b>Figura 13 –</b> Carimbo utilizado na Sala de Leitura	66

## LISTA DE FOTOS

<b>Fotos 1 e 2:</b> A soleira e o horário das turmas em 2014	46
<b>Fotos 3 e 4:</b> Capa e registro da abertura do Livro de Tombo	47
<b>Foto 5</b> – Aspecto geral da Sala de Leitura	52
<b>Foto 6</b> – Foto do arranjo especial para apresentação de vídeo com uso de <i>DVD-player</i> e televisão	53
<b>Foto 7</b> – Livros arrumados para facilitar a secagem	55
<b>Foto 8</b> –Fotos dos livros nas semanas iniciais de reorganização do acervo	55
<b>Fotos 9 e 10</b> – Duas alunas, uma das séries iniciais e outra, da série final	56
<b>Foto 11</b> – Foto das prateleiras com os livros organizados alfabeticamente para acesso às turmas de alfabetização	58
<b>Foto 12</b> – Foto das caixas numeradas nos nichos inferiores da Estante “B”	58
<b>Foto 13</b> – Foto da Festa da Primavera – produção dos alunos	63
<b>Foto 14</b> – Mostra Cultural 2013	63
<b>Foto 15</b> – Mostra Cultural 2014	63
<b>Fotos 16 e 17</b> – E a leitura se espalha pela escola	64
<b>Fotos 18 e 19</b> – Campanhas educativas integradas à práticas da Sala de Leitura.	64
<b>Foto 20</b> – Produção dos alunos do 1º ano	65
	65

**Foto 21** – Produção dos alunos do 3º ano

**Fotos 22, 23 e 24** – Nas duas fotos superiores, ângulos diferentes das cadeiras das EMEIs e EMEFs. Abaixo, sobre uma das mesas, a comprovação de que a estrutura metálica é igual para as diferentes “conchas” plásticas. **67**

**Fotos 25, 26 e 27** – Três alunos das séries iniciais acomodados com dificuldade no mobiliário. **67**

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Quantificação de Salas e Espaços de Leitura	17
<b>Quadro 2.</b> Os tempos/espços da hospitalidade humana	24
<b>Quadro 3</b> – Principais diferenças entre uma sala de aula regular e uma Sala de Leitura.	48
<b>Quadro 4</b> – Distribuição dos livros nos nichos da estante “A”	59
<b>Quadro 5</b> – Distribuição dos livros nos nichos da estante “B”	60
<b>Quadro 6</b> – Fragmento da planilha eletrônica utilizada para organização do acervo, em caixas numeradas, para apoio aos professores em sala de aula.	61
<b>Quadro 7</b> – Relação dos títulos dos livros escaneados e disponibilizados para a comunidade escolar.	68

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CEU** – CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS

**DOT** – DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

**EMEF** – ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

**EMEI** – ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

**JEIF** – JORNADA ESPECIAL INTEGRAL DE FORMAÇÃO

**NTIC s** – NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

**PEA** – PROJETO ESPECIAL DE AÇÃO

**PMSP** – PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

**POSL** – PROFESSOR ORIENTADOR DE SALA DE LEITURA

**SME** – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 1 Interpretando as práticas de hospitalidade no ambiente da Sala de Leitura de uma escola paulistana</b>	<b>21</b>
1.1 Rituais da Hospitalidade no ambiente da Sala de leitura	25
1.2 A Sala de Leitura como lugar de Hospitalidade e a questão da disponibilidade	27
<b>Capítulo 2 Sala de Leitura: uma oferta educativa diferenciada da sala de aula</b>	<b>30</b>
2.1 A Sala de Leitura entendida como uma sala de aula com organização especial e dinâmica próprias	35
2.2 A Sala de Leitura entendida como um ambiente que propicia exploração do mundo e desenvolvimento de habilidades e competências	38
<b>Capítulo 3 A experiência de uma Sala de Leitura em uma escola municipal de São Paulo</b>	<b>41</b>
3.1 A escola inserida no seu contexto social como objeto de estudo	42
3.2 As turmas de alunos e as ações desenvolvidas na Sala de Leitura	55
3.3 Resultados comentados e perspectivas	66
<b>Considerações finais</b>	<b>70</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>72</b>
<b>Textos legais e outros documentos</b>	<b>76</b>
<b>Apêndices</b>	<b>77</b>
<b>Anexos</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO

### **Tudo começou...**

O Programa de Salas de Leitura do município de São Paulo surgiu em 1972 quando da articulação do projeto entre a Unidade Escolar de Primeiro Grau Profa. Maria Antonieta D'Alkimin Basto e a Biblioteca Infantojuvenil Anne Frank, com a intenção de expandir e intensificar as atividades de leitura e aprimorar a compreensão leitora por parte dos alunos. (PMSP/SME/DOT, 2012, p. 11)

A presente pesquisa objetiva relatar os resultados da atuação de um Professor Orientador de Sala de Leitura na Sala de Leitura da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita, situada na Região Centro-Sul da cidade de São Paulo, Subprefeitura do Jabaquara e Diretoria Regional de Educação de Santo Amaro. A perspectiva segundo a qual o trabalho se desenvolveu foi a dos estudos sobre as relações de hospitalidade, acolhimento, tendo como objeto de estudo as relações desenvolvidas entre orientador e alunos que se tornam protagonistas num determinado espaço entendido como lugar de hospitalidade. Desta forma, não desconhecendo a polêmica que envolve a implantação das salas de leitura nas escolas públicas de São Paulo e sua relação com as Bibliotecas, o foco estabeleceu-se, sobretudo, na dinâmica e nas possibilidades das salas de leitura como lugar de hospitalidade e sociabilidade, como ferramenta complementar de aprendizagem e incentivo à leitura.

Na proposta inicial de implantação das Salas de Leitura nas escolas, encontrava-se a tentativa de promover a intensificação da leitura e compreensão dos textos junto aos alunos sem, contudo, conflitar com a função já desempenhada pela Biblioteca. Foi concebida sob a égide da antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 5.692/71 e com o advento da "Constituição Cidadã" em 27 de julho de 1988, assim chamada por atender em muitos aspectos os reclamos da área social. As discussões continuaram em busca da ampliação dos direitos das crianças e, a partir da Convenção sobre os Direitos da Criança (1988), da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990) e especialmente da Declaração de Salamanca (1994), foi sancionada, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei 9.394, em 20 de dezembro de 1996.

As Secretarias Municipais de Educação e Cultura, que haviam criado o Programa Escola-Biblioteca, através do Decreto 10.541, de 29 de junho de 1973, entenderam a necessidade de um espaço próprio para a Sala de Leitura. Desta forma a secretaria de Educação do Município de São Paulo foi obrigada a fazer investimentos a partir de 1974, na criação desses espaços assim como para a aquisição de um acervo mínimo de livros e de mobiliário. Atualmente seu funcionamento é regido, além das Diretrizes Curriculares Nacionais e Política Educacional da Secretaria Municipal de Educação, pelo Decreto nº 49.731, de 10/07/2008 e Portaria nº 899, de 24/01/2014.

Do ponto de vista da interconexão dos conhecimentos entre o ambiente universitário e escolar, e, tendo em vista o redimensionamento das relações entre a teoria e a prática escolar, de acordo com a discussão contida em VEIGA (2004, p. 107), objetivou-se, sob a perspectiva da teoria da hospitalidade, fundamentar o trabalho, do ponto de vista de referencial teórico, nas produções de Baptista (2002, 2008), Camargo (2003, 2010), Grassi (2011) e Montandon (2003, 2011), além de vários outros autores, especialmente aqueles contidos nos livros de Lashley e Morrison (2004) e Montandon (2011).

Sabe-se que a hospitalidade é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis (Montandon, 2003, p.132), que tradicionalmente envolvia desde a recepção, a acomodação, a alimentação e o entretenimento do hóspede, mas que contemporaneamente, perdeu esse caráter estabelecido de regras fixas que compunham as “cenas” hospitaleiras. Hoje, a hospitalidade compõe-se das dimensões doméstica, pública, social e comercial, mas não se reveste mais daquele caráter sagrado e universal. Entretanto, os espaços entendidos como de hospitalidade são aqueles em que se preserva o respeito à alteridade, e em que as regras e ritos constituem uma das bases de sua conservação e as escolas constituem ambiente privilegiado para o estudo dessas relações.

No campo educacional, constituem fontes importantes, não apenas a Legislação e o “Caderno orientador para os ambientes de leitura” (2012), como também Fauconnet, (1978), Milanesi (1983) e Chassot (1994), voltados para os aspectos da história e sociologia da leitura, além de Carvalho de Meneses (1998), Libâneo (2010) e Valente (2000), dedicados especialmente aos aspectos educacionais. Durante o desenvolvimento do Projeto as leituras foram realizadas em

dois principais polos: primeiramente, na própria Sala de Leitura, a partir dos materiais disponíveis e relacionados à capacitação em serviço do Professor Orientador da Sala de Leitura e posteriormente na biblioteca da Universidade Anhembi. Outras leituras e materiais resultaram dos encontros e interlocuções realizados nos programas de capacitação dos Professores Orientadores de Sala de Leitura no âmbito da própria escola, da Secretaria Municipal de Educação ou da Diretoria Regional de Santo Amaro.<sup>1</sup>

A Secretaria Municipal de Educação dispõe de algumas Bibliotecas, instaladas nos Centros Educacionais Unificados – CEUs – onde o atendimento e a organização são feitos por Bibliotecários. Tanto nos CEUs quanto nas demais escolas da rede municipal existem Salas e Espaços de Leitura cujo atendimento é feito pelos Professores Orientadores de Sala de Leitura, conforme dados obtidos pessoalmente na Diretoria de Orientação Técnica – Sala e Espaço de Leitura, em 13/04/2015 – e quantificados no Quadro 1.

SALAS E ESPAÇOS DE LEITURA	
Salas e Espaços de Leitura	722
Professores Orientadores de Sala de Leitura	895
Bibliotecários – Centro Educacional Unificado (CEU)	205
Bibliotecas nos CEUs	46

**Quadro 1.** Quantificação de Salas e Espaços de Leitura  
Fonte: Diretoria de Orientação Técnica – Sala e Espaço de Leitura

Fazem parte do acervo das Salas de Leitura, não apenas livros, mas CDs, DVDs, etc., que compõem segundo cada uma das escolas, os espaços destinados a subsidiar o trabalho dos professores das demais disciplinas, procurando cumprir a tarefa de incentivar a leitura em um espaço de tempo dedicado exclusivamente a essa atividade. A forma como se passa a relação com os alunos e com os livros, difere de escola para escola.

---

<sup>1</sup> O trabalho realizado na Sala de Leitura originou posteriormente um Relatório entregue à Direção da Escola em dezembro/2014 e que poderá consistir em subsídios às novas experiências nas salas de leitura. A Declaração de Autorização para uso do nome e imagens da Escola encontra-se no Anexo 1.

Enquanto o Bibliotecário tem graduação acadêmica e atua de acordo com normas específicas da Biblioteconomia, o Professor Orientador da Sala de Leitura é designado para exercer estas funções atendendo aos ditames do Art. 6º do Decreto Municipal nº 49.731, de 10/07/2008.<sup>2</sup>

Este trabalho procurou então, por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, relatar e refletir sobre a experiência particular da pesquisadora. Teve como objetivo geral: Refletir, a partir das condições atuais da Sala de leitura, entendida como um lugar de hospitalidade, sobre as possibilidades reais da acessibilidade à leitura como ferramenta de conhecimento do mundo. E específicos: 1 - Examinar as condições atuais e entraves à acessibilidade física dos alunos aos livros e outros materiais disponíveis na Sala de Leitura, buscando implementar uma nova proposta de acessibilidade; 2 - Traçar um perfil socioeconômico da comunidade escolar; e 3 - Estabelecer o local mais apropriado para fruição dos livros e outros materiais disponíveis na Sala de Leitura.

A pesquisa em questão classifica-se como exploratória, quanto aos objetivos que, segundo Gil, (2008), tem como alvo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Este tipo de pesquisa, segundo o mesmo autor busca “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de um determinado fato” (GIL, 2008, p. 27). O método utilizado é o da pesquisa-ação que, segundo Thiollent (2011, p. 20), “é uma pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Tratou-se de entender a dinâmica da sala de leitura, a partir das relações estabelecidas entre o professor orientador e os alunos, numa construção compartilhada ao longo do ano, em que foram se delineando as mudanças necessárias à reorganização do espaço, entendido como lugar de hospitalidade.

---

<sup>2</sup> Assim sendo, mediante a vacância desta função na EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita, a pesquisadora apresentou Proposta de Trabalho (Apêndice 1) ao Conselho de Escola da referida escola, e iniciou as atividades relatadas nesta Dissertação, em maio de 2013, permanecendo na função até o final de dezembro de 2014.

Os lugares de hospitalidade são lugares de urbanidade, de cortesia cívica, de responsabilidade e de bondade [...] que convidam à entrada do outro numa oferta de acolhimento, refúgio, alimento, ajuda ou conforto. Falar de hospitalidade significa justamente, ter em conta as múltiplas implicações presentes nessa dupla relação humana: a relação com o lugar e a relação com o outro. Os lugares de hospitalidade são lugares de pertença e de posse, de autoctonia e de afirmação identitária. (BAPTISTA, 2008, p.6)

Ao pensar no “lugar” de hospitalidade, pensa-se portanto, em lugares abertos ao outro, segundo a autora. Mas o que é lugar? Ou como pergunta Baptista, que espírito guarda os lugares “nossos”? Quem são esses outros que nos dispomos a receber e acolher, se, como diz a autora “por definição os lugares de hospitalidade são lugares abertos ao outro? Que regras e que rituais devem marcar essa recepção e esse acolhimento?” (BAPTISTA, 2008, p. 6). Essas regras e esses rituais, relatados na experiência da sala de leitura, compõem parte significativa da recepção ao “outro”, no caso os alunos de diferentes séries do Ensino fundamental

Desta forma, essas reflexões orientaram a abordagem dessa experiência que se propôs relatar, pouco estudada, como a dinâmica das Salas de Leitura das escolas públicas do Município de São Paulo, que subsidiaram o entendimento desses espaços como espaços de hospitalidade, ou lugares em que se criam e sedimentam relações, no caso, entre professor e alunos e conhecimentos, no caso das relações entre o aluno e o livro. Esta é uma possibilidade que demonstra a amplitude do campo da Hospitalidade.

O presente trabalho compõe-se de três capítulos, sendo que no Capítulo 1, intitulado “Interpretando as práticas de Hospitalidade no ambiente da Sala de Leitura de uma escola paulistana”, objetivou-se refletir, a partir das condições e das ações desenvolvidas na sala de leitura da escola selecionada para estudo, sobre os rituais de hospitalidade que permeiam a recepção, o acolhimento e o favorecimento na interlocução entre os alunos a partir da leitura dos livros e outros materiais disponíveis. A interpretação destas ações sob o prisma do referencial teórico permite a ampliação das práticas do cotidiano em busca de novas opções que proporcionem condições de acesso e disponibilidade dos materiais disponíveis aos alunos.

No segundo capítulo, intitulado “Sala de Leitura: uma oferta educativa diferenciada da sala de aula”, foram apresentados inicialmente alguns aspectos educacionais que levaram à valorização da leitura e em seguida, a Sala de Leitura

ficou caracterizada, pela sua organização espacial e dinâmica dos alunos, como uma sala de aula diferente das demais da Escola.

No terceiro Capítulo, intitulado “A experiência de uma Sala de Leitura em uma escola municipal de São Paulo”, são apresentados os resultados obtidos nesta pesquisa, realizada entre junho de 2013 e dezembro de 2014 no ambiente da Sala de Leitura. Foram feitas consultas periódicas aos Professores, especialmente aqueles que atuam perante as turmas das séries iniciais para avaliação da aprendizagem dos alunos perante o uso dos materiais da Sala de Leitura em sala de aula. Esta consulta se estendeu aos Professores, Coordenação e Direção da Escola, que puderam externar sua opinião a respeito do andamento de uma nova proposta de acessibilidade aos materiais disponíveis na Sala de Leitura.

## **CAPÍTULO 1 INTERPRETANDO AS PRÁTICAS DE HOSPITALIDADE NO AMBIENTE DA SALA DE LEITURA DE UMA ESCOLA PAULISTANA**

A hospitalidade se apresenta como uma ponte frágil e perigosa estabelecida entre dois mundos: o exterior e o interior, o fora e o dentro. (GRASSI, 2011, p. 45)

A metáfora subjacente à hospitalidade, que supõe a ultrapassagem de um limite, de uma fronteira, pode significar, na relação que se estabelece entre o mundo exterior e o interior, que a admissão ao interior é sempre uma possibilidade tensa, a se realizar e nesse sentido, essa travessia tem forte significado. A hospitalidade assim, supõe uma relação de poder, segundo Grassi, (2011), e apresenta-se como um gesto de compensação, em que as posições desiguais e assimétricas entre o que recebe e o que é recebido, se igualam no ato de receber. O ato de receber por sua vez, supõe uma atitude de proteção ao que é recebido, ao estrangeiro ao lugar que, pelas suas origens, não tem lugar. Essa relação desigual, então, supõe o lugar e o estatuto de hóspede e diferentes formas de hospitalidade como o convite, o acolhimento, a caridade e a solidariedade, que se realizaram em épocas históricas diferentes e adquirem contornos diferentes na atualidade.

Segundo Montandon, (2003, p. 132), a hospitalidade pode ser concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas como uma das formas mais essenciais da socialização, sendo, como foi mencionado, uma maneira de se viver em conjunto, que é regida por regras, ritos e leis. Pode ser entendida como a relação que se estabelece entre o estrangeiro, o que está fora, com o anfitrião, o que está dentro de um determinado lugar. Ela pressupõe, então, a chegada e reconhecimento do hóspede, ou estrangeiro, através de um ritual de acolhida. Remonta aos rituais de Hermes e Héstia, descritos por Homero na *Odisséia*. Enquanto Hermes é o deus das portas, dos pórticos e que orienta os ritos das passagens e das entradas, que orienta o estrangeiro em suas caminhadas até os pórticos, as soleiras das casas, a hospitalidade é o gesto, a autorização pela palavra e pelo gesto, para que adentre no interior, no espaço interno, nos domínios de Héstia. Ela é a deusa que domina o espaço interior que contém o fogo, o abrigo e os ritos da comensalidade.

Para passar de Hermes a Héstia, o rito da hospitalidade impõe a entrada, admissão e partilha. Tanto na cidade como na casa, o rito da hospitalidade dá um direito de estabelecimento, mesmo que temporário. Ser admitido como membro da *oikos*, da casa patriarcal, é não somente ser admitido na mesma mesa, mas “respirar a mesma fumaça”... (GRASSI, 2011, p. 46)

A expressão “respirar a mesma fumaça” remete ao conceito de que a hospitalidade vai além do oferecimento de favores materiais, mas também de compartilhamento das mesmas concepções entre hóspedes e anfitriões, num ritual de integração de aproximação entre os desiguais: o estrangeiro, que estava fora, ao anfitrião, o dono do lugar. O ritual da hospitalidade passa a ser a tentativa de igualização, de nivelamento das diferenças entre personagens diversos, onde nem sempre as identidades são completamente desveladas.

Para melhor compreender o valor ético e social nas sociedades contemporâneas dos ambientes em que a hospitalidade acontece, referimo-nos ao texto de Isabel Baptista:

Ao tentar sublinhar a dimensão ética da hospitalidade procura-se evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade onde, do nosso ponto de vista, surgem a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária. (BAPTISTA, 2002, p. 158)

Assim, os lugares de hospitalidade passam a ser entendidos como aqueles em que se reconhece essa “consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária”. Entende-se que o sentido de responsabilidade se aplica tanto ao anfitrião quanto aos hóspedes e a ação solidária deverá ser reconhecida e compartilhada nos rituais de recepção e acolhimento. As práticas de acolhimento e civilidade que permeiam as relações estabelecidas entre anfitriões e hóspedes é que permitem, em suma, tornar os ambientes das cidades mais humanos, remetendo à concepção de Baptista (2008), sobre os lugares de hospitalidade como lugares abertos ao outro.

Essas considerações podem ser transpostas para a experiência relatada na sala de leitura, na criação de um ambiente em que as ações de recepção e acolhimento dos alunos propiciam a troca e a sociabilidade. Nesse sentido, “tudo se inicia nessa soleira, nessa porta onde batemos e que vai se abrir apresentando uma figura desconhecida, estranha” (Montandon, 2003, p. 133). Na proposta da sala de

leitura, a porta tem valor simbólico de admissão ao interior, é onde se localiza a permissão de entrada, os horários, a programação.

Limite entre dois mundos, entre o interior e o exterior, o externo e o interno, a soleira é a etapa decisiva comparável a uma iniciação. É a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, comporta [...] uma face de violência, de ruptura, de transgressão e mesmo de hostilidade, que Derrida chama de *hostipitalidade*. A soleira marca uma fronteira, uma passagem e sua ultrapassagem implica tacitamente para o convidado, a aceitação das regras do outro. (Montandon, 2003, p. 133)

Entender o aluno, nesse caso, como “convidado” a ultrapassar a porta da sala de leitura, é entender parte importante dessa dinâmica que se estabelece com o Professor Orientador, que passa a desempenhar papel de mediador entre o permitido e o não permitido, entre um território e outro, que permite a identificação, o pertencimento, em que o aluno deixa de ser o “intruso” e passa a pertencer a um espaço aberto a ele e com o qual passa a se identificar e a poder construir sua identidade. A proposta de partilhar a “arrumação” da sala de leitura, de criar a acessibilidade física aos livros, trouxe a possibilidade do que se chamou de “protagonismo” dos alunos na organização das estantes e como consequência, sua identificação com o espaço. Ou seja, ainda, como diz Montandon (2003, p. 133), as regras de conduta social aparecem como possibilidades de amenizar o caráter de intrusão, estabelecendo moderadores destinados a eliminar a agressividade e dar um caráter amável à acolhida.

Foi o que se procurou fazer na sala de leitura, entendendo-se o papel do orientador como mediador entre os alunos e os livros e nesse processo, criar, por meio da reorganização do espaço, as possibilidades de uma sociabilidade e de um ambiente propício à leitura e à aprendizagem. As ações serão melhor relatadas no capítulo 3 mais adiante.

Numa outra perspectiva, a da cidade, pode-se, segundo Gotman (2011, p. 97, 98) mostrar que, na França contemporânea, a hospitalidade “abarca categorias cada vez mais numerosas de população colocadas sob a proteção de pessoas dedicadas só a essa tarefa, e em seguida profissionalizadas na acolhida”.

É possível ainda, nos estudos da hospitalidade, reconhecer as áreas pelas quais transitam e se relacionam as pessoas e em que ela se aplica. Nesta

tarefa é preciso que nos eixos mais amplos de tempo-espço da hospitalidade, se reconheçam ou adicionem dois outros eixos: o cultural e o social. O eixo cultural, que leva em conta as ações relacionadas à hospitalidade contém: a recepção, a hospedagem, a alimentação e o entretenimento. No eixo social estão contidas quatro categorias: a doméstica, a pública, a comercial e a virtual. Da interação destes diferentes eixos Camargo construiu o Quadro 2:

Categoria	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas	Receber em casa para refeições e banquetes	Receber para recepções e festas
Pública	A recepção em espaços e órgãos públicos de livre acesso	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país	A gastronomia local	Espaços públicos de lazer e eventos
Comercial	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis Hospitais e casas de saúde Presídios	A restauração	Eventos e espetáculos Espaços privados de lazer
Virtual	A <i>net-etiqueta</i> do enviar e receber mensagens por meios eletrônicos	<i>Sites</i> e hospedeiros de <i>sites</i>	A gastronomia eletrônica	Jogos e entretenimento

**Quadro 2.** Os tempos/espços da hospitalidade humana  
Fonte: Camargo (2003, p. 19)

O presente trabalho terá seu foco direcionado à categoria da hospitalidade pública, especialmente nos aspectos de recepção, acolhimento e práticas pedagógicas indicadas aos alunos durante as aulas semanais em Sala de Leitura da EMEF estudada.

Tratando a escola como uma instituição pública, a mesma será tratada como um dos espaços públicos na cidade, ou seja, um lugar onde são compartilhadas experiências, direitos e vivências.

O espaço público é por natureza mais aberto e a primeira função que o distingue do espaço privado é a facilidade de acesso. O espaço público é de todos e de ninguém em particular, em princípio, todos o podem usar com os mesmos direitos. (MATOS, 2010, p. 17)

## 1.1 Rituais da Hospitalidade no ambiente da Sala de leitura

A hospitalidade parece sempre ter de lidar com o estrangeiro, ainda que a distância e a estranheza que lhe são próprias possam ser variáveis. Dificilmente se concebe outra hospitalidade que não a dada a um outro, a um estrangeiro. Este chega de terras estrangeiras que ele pisa e percorre por caminhos ora hostis, ora acolhedores. (MANZI; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, 2011, p. 795)

A chegada do estrangeiro a um local de hospitalidade traz consigo o encontro com o desconhecido, com intenções desconhecidas. A palavra “estrangeiro” é traduzida do francês *étrange*, onde é utilizada desde 1050 e equivale, em grego, ao termo *xenos*, que serve de raiz ao termo hospitalidade e simboliza a relação entre o hóspede e o anfitrião em decorrência de sua interação.

É ao cabo do processo hospitaleiro que este desconhecido, necessariamente hostil de princípio, poderá se tornar, primeiro, um hóspede e, talvez, até mesmo um amigo potencial em seguida. (MANZI; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, 2011, p. 795)

Ocorre uma etapa inicial de reconhecimento, e como uma forma do hospedeiro ou anfitrião apresentar-se em condição de supremacia perante o desconhecido, que pode ser hostil, até que o estrangeiro seja reconhecido e aceito no ambiente hospitaleiro.

Ao anfitrião cabe o papel de representar o ambiente interno ao estrangeiro, que irá, depois, reconhecer os limites estabelecidos. Esta delimitação inicial nem sempre é oferecida claramente pelo anfitrião nem entendida perfeitamente pelo estrangeiro. Aceitar o estrangeiro equivale a aceitar o provisório, o não definitivo, o ambíguo. Ao estrangeiro também não importa ser assimilado completamente ao novo ambiente, pois teria de abdicar completamente dos seus hábitos e costumes, perdendo, assim, sua identidade original.

A hospitalidade é insuficiente para tornar o estrangeiro aceito em uma comunidade, pois este minimiza suas características identitárias para ser acolhido, mas costuma, depois de algum tempo, expor seus códigos e regras, que poderão ser ou não aceitos pela comunidade. Ou seja, o ambiente da sala de leitura, pressupõe a aceitação das diferenças de *status* entre orientador e alunos, em que se estabeleçam regras de convivência.

A Sala de Leitura é parte integrante da instituição escolar que por sua vez, é uma instituição social que reflete a sociedade que pode ser estudada em seus aspectos objetivos e subjetivos, conforme Berger e Luckmann (1985). Como realidade objetiva, a relação do homem com seu ambiente, é caracterizada pela sua ocupação pelo mundo. A criança depende das instituições sociais, que a submetem a uma multiplicidade de determinações socioculturais. Para a interpretação dos variados aspectos culturais que compõem a sociedade humana a criança deverá adquirir um vocabulário variado e amplo, que tanto poderá ser adquirido em seu ambiente familiar e social quanto nas instituições disponíveis na sua realidade local. Entretanto, estas instituições devem oferecer informações que permitam a interpretação das experiências sedimentadas e que dão sentido à sua biografia e de seu grupo familiar e social.

Estas informações institucionalizadas são concebidas como “conhecimentos” e transmitidos como tais. O conjunto de conhecimentos é legitimado ao longo das sucessivas gerações, tanto na dimensão vertical quanto horizontal, criando, em última instância os chamados “universos simbólicos”, que são constituídos por “corpos de tradição teórica que integram diferentes áreas de significação e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica” (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 131).

A realidade subjetiva se processa através da socialização primária, que se inicia após o nascimento, pois o “indivíduo não nasce membro da sociedade”, mas “nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade” (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 173). Os espaços públicos assim entendidos comportam as “instituições públicas”, também chamadas de “instituições sociais” porque atendem, indistintamente, o público a que elas acorrem. As instituições podem ser significadas a partir da posse das seguintes características (BERGER; BERGER, 1997): 1- realidade exterior, pois estão situadas fora do indivíduo e guardam certa semelhança com outros objetos do mundo real e não podem ser negadas; 2- objetividade, ou seja, sua existência está vinculada a um fim determinado, possui um objetivo inerente a ela; 3- força coercitiva, pois possui existência objetiva e exerce seu poder sobre o sujeito, que não pode negá-lo, sob pena de sofrer este efeito de forma bastante rude; 4-autonomia moral e invocam um direito à legitimidade, reservando-se o direito de atingirem o indivíduo com diversos

graus de intensidade tanto física como moralmente; 5- historicidade, pois é referida por fatos relativos ao seu passado, e existia antes da existência do indivíduo e continuará a existir depois de sua morte. As ideias corporificadas nas instituições foram acumuladas por indivíduos cujos nomes e rostos pertencem irremediavelmente ao passado.

## **1.2 A Sala de Leitura como lugar de Hospitalidade e a questão da disponibilidade**

Só com uma relação de proximidade é possível abraçar verdadeiramente a aventura da descoberta, da realização e de superação de nós mesmos. (BAPTISTA, 2002, p. 157)

A Sala de Leitura oferece aos alunos a oportunidade de se aproximar dos livros e de desfrutar de seu conteúdo, além de alimentar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento e, do ponto de vista de uma ética da hospitalidade, os lugares de hospitalidade, podem ser entendidos como lugares onde “surge a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária”, como apontado anteriormente (BAPTISTA, 2008). Trata-se de uma forma de acolhimento e esse acolhimento torna-se, então, um desafio aos rituais de recepção e civilidade, que permitem, em última análise, a significação destes lugares, que ganham identidade e memória.

O visitante continua sempre a ser visto como forasteiro, que seduz o anfitrião com sua exterioridade e seu segredo, que são suas próprias ideias. Nesta relação tão próxima e ao mesmo tempo tão distante acaba por oferecer aprendizagens mútuas no processo de aprendizagem humana, e este é o maior compromisso ao transformar os espaços públicos em lugares de hospitalidade. (BAPTISTA, 2002)

Ao considerar que a Sala de Leitura oferece aos alunos, através dos livros, o maior repositório, dentro da escola, das melhores produções escritas pelas antigas e modernas gerações de escritores, adentrar na Sala de Leitura, para os alunos, deveria representar a conquista de um novo território. Nem sempre os alunos têm este entendimento, especialmente os mais jovens.

A Sala de Leitura é, indiscutivelmente, um dos espaços privilegiados da Escola onde os alunos podem acessar, nos conteúdos de seus livros, os conhecimentos relevantes produzidos por autores renomados, cujas ideias se acham registradas nos livros. Livros de natureza literária em verso e prosa, dos mais diversos estilos e gêneros textuais. Muitos livros relacionam-se também com os temas do currículo e podem oferecer subsídios às pesquisas escolares requeridas pelos Professores, ou a oportunidade de pesquisas que deem asas à imaginação ou produzam conteúdo às pesquisas requeridas pelas diversas disciplinas.

Além desta finalidade óbvia, o fato da disposição dos alunos em grupos em algumas mesas favorece também o diálogo, o compartilhamento, a troca de experiências, o estabelecimento de vínculos sociais e o reconhecimento de interesses comuns. As trocas de favores nas tarefas a serem desempenhadas reforçam interesses diferenciados, práticas preferidas e permitem o reconhecimento do livro como material de estudos e também de fruição, vínculo que se estabelece principalmente na Escola.

Nas Salas de Leitura o primordial é garantir o vínculo dos alunos ao livro, fazendo com que ele reconheça todas as oportunidades que ele oferece e para fazê-los entender que poderão, futuramente, buscar nas Bibliotecas públicas, materiais de estudos para suas pesquisas individuais, ou que subsidiem seu trabalho em grupos ou estudo ao longo de suas vidas acadêmicas ou profissionais. No entanto, para que o aluno se afilie ao hábito da leitura é preciso considerar suas limitações, dadas pela idade e nível de escolarização em que se encontram, sobretudo as crianças que estão nos primeiros anos de escolarização. A tomada de consciência vem com a idade, conforme proposto por Jean Piaget (CAVICCHIA, s/ data).

Para os alunos que vão aprendendo a ler, mas ainda têm alguma dificuldade, os livros com ilustrações, figuras coloridas, podem preencher as limitações oferecidas pelos textos impressos e devem também estar dispostos “ao alcance de suas mãos e de seu desejo” (PMSP/SME/DOT, 2012, p. 85)

A condição de disponibilidade, ou de acessibilidade dos livros nas estantes, é o que garante aos alunos a facilidade de identificá-los segundo seus interesses, dentro de uma variedade de títulos. É conveniente que sejam recebidos afavelmente e lhes seja permitido manusear cuidadosamente o acervo. Entretanto, por maior dedicação que tenha o Professor Orientador de Sala de Leitura em

acompanhar a busca curiosa de seus alunos a um determinado livro ou gênero, dificilmente conseguirá dar conta de fazer isto, simultaneamente, perante uma classe com mais de trinta alunos. Este é o principal argumento a favor da participação ativa dos alunos na organização dos livros nas estantes, pois somente assim saberão onde encontrar seus livros preferidos, quando se dedicam às atividades de leitura neste espaço.

O oferecimento na grade curricular de uma aula semanal na Sala de Leitura corresponde a um investimento significativo na aquisição do hábito da leitura na fase inicial da Educação Básica. Ao aproveitar convenientemente esta oportunidade, os alunos em idade infanto-juvenil representam a “base da pirâmide” educacional moderna e modelada a partir de propostas inovadoras, que vêm se aprimorando nas últimas décadas (PRAHALAD, 2005, p. 47). A leitura pode ser entendida como uma “competência essencial” na medida em que agrega uma série de habilidades físicas e intelectivas que, quando associadas às novas tecnologias de informação e comunicação favorecem a aprendizagem em todos os campos do conhecimento (HAMEL; PRAHALAD, 1995, p. 233)

Além disso, a Sala de Leitura é principalmente um lugar de hospitalidade em que se desenvolve a sociabilidade livremente, dentro do grupo de crianças e adolescentes. Sua relação com as Bibliotecas pode ser de complementaridade ou como no caso estudado, de abertura de um espaço de convivência e de fruição de experiências em que o mote é a leitura, o acesso a um acervo que de outra maneira não se realizaria e um treinamento de leitura e de concentração. Observe-se que os limites desse trabalho não permite generalização, uma vez que não se propôs uma avaliação de outras experiências com a sala de leitura.

## **CAPÍTULO 2 SALA DE LEITURA: UMA OFERTA EDUCATIVA DIFERENCIADA DA SALA DE AULA**

Para entender a relevância das Salas de Leitura nas escolas da rede municipal de Educação do Município de São Paulo seria preciso lembrar as origens da Educação, desde os povos primitivos até os dias atuais, para que se entenda a origem dos sistemas educacionais, o que é alvo de estudo de Valente (2000). Este autor discorre sobre a Educação entre os povos primitivos, defendendo que entre eles vigoram “as formas mais puras, mais elevadas e mais espiritualizadas de religião, de moral e de educação” (VALENTE, 2000, p. 19). Até a puberdade é a família que desempenha o papel principal na educação dos jovens e só a partir daí é que acontecerá uma educação intencional, voltada para as exigências da vida adulta, que varia de acordo com as diferentes civilizações.

As origens da Educação Básica no Brasil, segundo Haidar e Tanuri (1999) remontam ao ano de 1549 com a chegada de seis padres jesuítas, que se dedicaram à criação de “escolas de primeiras letras e instalando colégios destinados a formar sacerdotes para a obra missionária na nova terra.” (HAIDAR; TANURI, 1999, p. 59) Contando, a partir desta época, com poucos mestres e reduzidos recursos financeiros, todo o período colonial e imperial foi marcado por iniciativas de amplitude limitada, que manteve a educação popular em situação deplorável, muito distante do sonho dos políticos mais liberais.

Os ideais republicanos revigoraram a crença de ampliação dos direitos à Educação pública, mas sem reflexos imediatos nas ações administrativas que pudessem criar uma rede de escolas de Educação Básica por todo o território nacional. Um sistema nacional de ensino inspirado nos ideais republicanos somente irá se expressar em 1932 pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, passando a constar na Constituição de 1934.

A queda da República Velha aliada às manifestações populares que acompanharam a Revolução de 1930 impulsionaram as reivindicações populares, encabeçadas principalmente por pessoas ligadas aos processos produtivos. A demanda por Escolas foi reconhecida como via que poderia oferecer melhor condição salarial e, conseqüentemente, de ascensão social pela população. Entre

1942 e 1946, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema foram promulgadas as Leis Orgânicas do Ensino, as primeiras de caráter abrangente aos níveis e modalidades de ensino existentes naquela época.

Com a derrubada da ditadura Vargas, em 1945, uma nova Constituição é promulgada em 1946. Nela a União fica incumbida de legislar sobre as “diretrizes e bases da educação nacional”, cujo projeto, encaminhado em 1948, só recebeu aprovação em 1961 (Lei 4.024, de 20/12/1961). Neste documento o ensino primário obrigatório tinha duração de quatro anos e recebia o nome de “primário”. Para acesso ao nível seguinte, o “ginásial” havia um “exame de admissão” que aos poucos foi sendo contestado e, com a ampliação da escolaridade obrigatória contemplada na Constituição de 1967, acabou por determinar a duração do ensino do 1º grau em 8 anos, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 (Lei 5.692/71).

Depois dos movimentos populares que acabaram por conquistar uma Constituição mais humana, em 1988, onde os direitos dos cidadãos fossem evidenciados, a Educação passou a ser entendida como fator de realização da cidadania. Assim, os temas relacionados à qualidade do ensino na luta contra a exclusão e desigualdades sociais se fortaleceram, e a Educação pública assumiu uma tríplice responsabilidade, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2010, p. 118): 1- Ser agente de mudanças, capaz de gerar conhecimentos e desenvolver a ciência e a tecnologia; 2- Trabalhar a tradição e os valores nacionais ante a pressão mundial de descaracterização da soberania das nações periféricas; 3- Preparar cidadãos capazes de entender o mundo, seu país, sua realidade e de transformá-lo positivamente.

A discussão e elaboração de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional resultou na promulgação, em 20/12/1996 a Lei 9.394, que estabelece o Ensino Fundamental de oito anos em dois ciclos de quatro anos cada um. Alguns anos depois as Leis Federais nº 11.114/05 instituiu o início da obrigatoriedade do Ensino Fundamental aos 6 anos, e a de nº 11.274/06 ampliou a duração do mesmo para 9 anos, mantido o início aos 6 anos. (ARELARO; JACOMINI; KLEIN, 2011)

Somando-se a isso, a Prefeitura do Município de São Paulo, pelo “Programa Mais Educação São Paulo” (Decreto nº 54.452, de 10/10/2013) decidiu que:

O Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São Paulo terá a duração de 9 (nove) anos e estará organizado em 3 (três) ciclos de 3 (três) anos cada, denominados: Ciclo de Alfabetização, Ciclo Interdisciplinar e Ciclo Autoral. (PMSP/SME/DOT, 2014)

Na EMEF estudada, a ampliação do Ensino Fundamental de 8 (oito) para 9 (nove) anos fez com que, em 2013, as nove turmas do 1º ao 4º ano estivessem de acordo com a nova legislação, que prevê o Ensino Fundamental de nove anos. As dez turmas da 5ª à 8ª série seguiam ainda a antiga legislação, que previa a duração do Ensino Fundamental de oito anos. Em 2013 as quatro turmas de 8ª série concluíram o Ensino Fundamental. Esta foi a principal razão de definir a coleta de dados das alturas dos alunos em 2013, pois em 2014 a antiga e nova legislação seriam fusionadas, sendo que as turmas de 5ª série de 2013 passariam para o 7º ano em 2014; os da 6ª série em 2013 para o 8º ano em 2014; e os de 7ª série em 2013 para o 9º ano em 2014.

Em 2014 a EMEF teve sua organização de turmas bastante modificada, o que causou dificuldade de entendimento, nos momentos iniciais, por parte da equipe escolar e também dos alunos, mas este é um aspecto que extrapola o Projeto de Pesquisa definido desde seu início, tanto na Escola como no Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Hospitalidade.

Retomando o foco da pesquisa, que é o da Sala de Leitura, convém lembrar suas origens, conforme apresentado como texto-epígrafe da Introdução (PMSP/SME/DOT, 2012, p. 11).<sup>3</sup> Desde a criação até os dias de hoje as Salas de Leitura ganharam maiores investimentos e incentivos e suas atividades contemplam todos os alunos de cada uma das unidades escolares, pois fazem parte da matriz curricular municipal.

---

<sup>3</sup> “O Programa de Salas de Leitura do Município de São Paulo, surgiu em 1972, quando da articulação do projeto entre a Unidade Escolar de Primeiro Grau Profa. Maria Antonieta D’Alkimin Basto e a Biblioteca Infantojuvenil Anne Frank”. PMSP/SME/DOT, 2012, p. 11).

De acordo com a “matriz curricular” estabelecida nas escolas públicas municipais, cada turma participa semanalmente de uma aula de 45 minutos, sob a coordenação do Professor Orientador de Sala de Leitura, POSL.<sup>4</sup>

O direito à escola pública, objeto de mobilizações em todo mundo e também no Brasil, tem sofrido transformações pela inclusão no cotidiano das pessoas, de lazeres advindos do avanço da tecnologia, como a televisão, os *videogames* e a música, mas a instituição escolar ainda é o lugar onde a leitura “é prescrita como necessária para todas as matérias ensinadas e onde a leitura-lazer, é de igual modo incentivada”. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 83)

Segundo os autores, houve uma evolução dos lugares consagrados à leitura, como as bibliotecas, que desde o início do século XX, eram espaços de leitura *in loco* e empréstimo de livros, passaram a ser também um local de estudos, o que contribuiu para torná-las um lugar de convívio social, de trocas, de encontros tanto para adultos quanto para crianças. A partir destas novas concepções, a biblioteca foi sendo modificada, na busca de tornar-se um lugar acolhedor, aberto a diversas atividades artísticas e culturais, tais como: exposições, palestras, apresentações musicais, saraus, jograis e outras atividades relacionadas aos contadores de histórias.

Esta é também a perspectiva relatada no Programa “Quem Lê Sabe Por Quê” cujo logotipo está apresentado na Figura 1, realizado em 25 de setembro de 2013 (PMSP/SME, 2013) quando os especialistas internacionais Manuel Filipe Leal (Portugal), Maria Beatriz Medina (Venezuela), Max Butlen (França), Sarah Corona Berkin (México) e Silvia Castrillón (Colômbia) reportaram todas as recentes transformações acontecidas em seus países nas Bibliotecas e também nas Salas de Leitura. Estas “Salas de Leitura” servem de ponto de encontro da comunidade, que a

---

<sup>4</sup> Cabe ao POSL: “Contribuir para transformar o ambiente da Sala de Leitura em local que instigue e motive a formação da comunidade de leitores; democratizar o uso do acervo e do espaço da sala de leitura para seja utilizada por toda comunidade educativa; organizar os espaços e as salas de leitura de forma que favoreçam a autonomia dos usuários, catalogando o acervo disponível e mantendo-o em plenas condições de uso pela escola e comunidade educativa; construir planos de trabalho que incluam metas a serem atingidas, promovendo o desenvolvimento da competência leitora da comunidade educativa para que os sujeitos tornem-se verdadeiros usuários da cultura escrita; articular os espaços de leitura com os trabalhos desenvolvidos nas salas de aula. (PMSP/SME, s/data).

partir da leitura, estudos e compartilhamento de informações desenvolvem projetos de artesanato, mostras artísticas e culturais e festividades comunitárias. Informações detalhadas sobre os Palestrantes poderão ser encontrados no Anexo 2.



**Figura 1.** Logomarca do Programa “Quem lê sabe por quê”

Fonte: Material de divulgação produzido pela Prefeitura do Município de São Paulo

Disponível em <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/Quem-Le-Sabe-Par-Que>

A partir da “contação de histórias” surgem as trocas de ideias, as amizades, os compartilhamentos. No Brasil, a organização não governamental “A cor da letra” - Centro de Estudos em Leitura, Literatura e Juventude se dedica, desde 1998, a projetos de leitura literária em várias regiões, especialmente nas instituições dedicadas a cuidar de crianças e jovens em situação de risco. Em algumas ocasiões foram recebidos com pouco entusiasmo, quando os jovens se lembraram de suas leituras nas Escolas, numa experiência que não lhes trazia boas lembranças, porque estavam vinculadas com a obrigatoriedade de leitura de textos impostos ou sem nenhum sentido.

Criar vínculo com o futuro leitor, indica Petit (2009), depende de estabelecer uma curiosidade a partir da narrativa oral, que aos poucos vai sendo direcionada para os textos escritos. A oralidade se mostra, assim, fundante na conquista de novos leitores. As crianças e jovens são especialmente interessados nas narrativas de lugares desconhecidos, imaginando histórias incríveis, como aquelas apresentadas nos desenhos animados e filmes de ação. Sem dúvida este é o motivo das crianças gostarem dos contos de fadas, que descrevem um mundo maravilhoso e cheio de magia, e os jovens os livros de ação e aventuras. As narrativas oferecem a oportunidade de abstração, que amplia os horizontes cultural

das crianças e adolescentes e através delas a leitura de livros que estejam condizentes com elas será mais significativa e prazerosa.

Inúmeros programas da Prefeitura do Município de São Paulo vêm valorizando a competência leitora e escritora para os alunos do Ensino Fundamental desde 2006.<sup>5</sup>

## **2.1 A Sala de Leitura entendida como uma sala de aula com organização especial e dinâmica próprias**

Já vai se vendo que este livro não quer ser nenhum tratado científico e menos ainda um repositório de milenar sabedoria apoiada em gregos, romanos, fenícios, franceses ou outros quaisquer. Afinal, tem feito falta uma conversa boa, ora mais sisuda, ora mais risonha, sobre o espaço feiticeiro das salas de aula. (MORAIS, 2001, p. 8)

Necessário relembrar que a Sala de Leitura nada mais é do que uma sala da escola aparelhada adequadamente para receber alunos e livros. É uma sala diferenciada das salas de aula e possuem dinâmica própria pela simples razão de que a oferta de itens a serem explorados é inúmeras vezes maior do que aquele que está disponível nas salas de aulas regulares.

As poucas mesas, maiores do que as das salas de aulas é um convite explícito para o agrupamento dos alunos a sua volta, o que favorece as leituras compartilhadas e troca de impressões sobre o tema do livro que está sendo lido. A vontade de anunciar um fato interessante provoca frequentemente o trânsito de alguns entre as diferentes mesas e a busca de atenção para seu ‘achado’.

Na introdução de um de seus artigos “*Classroom Organization and Management*” (“Organização e gerenciamento da sala de aula”) Doyle (1996) ao

---

<sup>5</sup> Projetos: “Toda força ao 1º ano”, “Projeto Intensivo no ciclo I – PIC” e “Ler e Escrever em todas as áreas do Ciclo II” (PMSP/SME/DOT, 2006, p. 6). Em 2012 criou-se o Caderno de Orientações para ambientes de leitura denominado “Leitura ao Pé da Letra” (PMSP/SME/DOT, 2012, p. 97), para orientar os professores na sugestão de leituras, apontar interesses, recomendar títulos e atentar para o acervo de seu componente curricular. No recente Programa “Mais Educação São Paulo” no eixo da “Qualidade Social da Educação” a unidade educacional como ambiente de aprendizagem é entendida, entre outras coisas como “Qualidade na apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados. Compromisso em propiciar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da matemática, proporcionar a sistematização dos saberes.” (PMSP/SME/DOT, 2014, p. 23).

apresentar os problemas comuns nas Salas de Leitura, como momentos de descanso ou leitura silenciosa, ou lição única para toda a classe ou múltiplos arranjos, respeitando as preferências individuais dos alunos, oferece uma análise de como os professores podem se organizar pelo planejamento de suas aulas, definindo regras e atendendo os alunos individualmente ou em grupos. Ele descreve, brevemente, os seis fatores que condicionam de uma forma mais ampla o ambiente de uma sala de aula: a multidimensionalidade, que se refere à grande quantidade de eventos e tarefas que acontecem em uma sala de aula, como um ambiente lotado de alunos com diferentes preferências e habilidade diferenciadas; a simultaneidade, pois muitos eventos acontecem ao mesmo tempo, e desta forma quando o professor atende um aluno ou um grupo, outros alunos ou grupos ficam à vontade, ou sem assistência; a intermediação, pois um professor atende em ritmo acelerado, provavelmente 500 respostas por dia em uma turma de alunos iniciantes, ou 16 respostas por hora, 87 por dia, o que pode representar 16 mil por ano. Este atendimento aos alunos provoca estresse ao professor e confusão nas respostas oferecidas aos alunos; a imprevisibilidade, pois podem acontecer fatos inesperados a qualquer momento, tanto por fatores internos à classe como também por distrações por motivos externos, o que provoca interrupções ao andamento da aula; a publicidade, que é o efeito de tornar público tudo o que envolver a pessoa do professor. Este vive como se estivesse dentro de um aquário, com todas as ações observadas e comentadas pelo grupo de alunos, o que pode resultar em elogios e amabilidades quanto em atos de rebeldia e violência; finalmente, o fato de que os alunos de uma turma vão se constituindo ao longo do tempo como um grupo, com uma história característica que tem normas e regras internas. Esta história é afetada pelas ausências dos colegas e ingresso de novos membros, recessos, férias e também situações que afetam a coletividade. (DOYLE, p. 394-395)

McVey (1996, p. 1045-1104), da Universidade de Boston, em seu texto "*Ergonomics and the learning environment*" ("Ergonomia e o ambiente de estudos") descreve que para o melhor entendimento da aprendizagem dos alunos têm de ser consideradas as características diferenciadas dos diversos ambientes de aprendizagem: sala de aula regular, quadra esportiva, sala de computadores, local de estudos em casa, móveis, acústica, iluminação e recursos pedagógicos em geral. Ele relata que estudos recentes em ergonomia nos ambientes comerciais têm

elucidado sua importância no rendimento das empresas e afirma que estes conhecimentos podem ser transferidos facilmente para ambientes de estudo e treinamento.

Este mesmo autor lembra que cada ambiente da escola tem características diferenciadas, tais como: iluminação, cores, sons, medidas, móveis e outros insumos que colaboram com o aprendizado dos alunos. O ambiente deve oferecer o mínimo de estresse e o máximo de efetividade. Assim, deve proporcionar conforto sensorial, acústica adequada e permitir a visibilidade a todos os alunos, de forma a promover interação social e comunicação de qualidade. A introdução de novos equipamentos audiovisuais de qualquer espécie deve ser precedida de um planejamento especial, pois inevitavelmente altera a natureza primitiva do ambiente, provocando rearranjo de seus móveis e demais equipamento e até mesmo a readequação das atividades até então desenvolvidas. Afirma também que todos os anos são gastos nos Estados Unidos milhões de dólares na instalação e renovação dos recursos educacionais destinados aos professores e seus alunos. Os alunos costumam reclamar que o ambiente está muito quente ou muito frio; ou que as carteiras são desconfortáveis, ou estão colocadas de forma que não permite enxergar perfeitamente as apresentações disponíveis em cada aula. Também reclamam do barulho da classe ou da reverberação dos sons no interior do ambiente. Estes reclamos têm sido encaminhados para os desenhistas em geral, os arquitetos responsáveis pelas construções e também ao setor moveleiro, que tem se esforçado em oferecer mais conforto nos ambientes, de forma a favorecer as ações de ensino-aprendizagem.

As condutas sociais e os comportamentos coletivos assim estabelecidos tiveram seu estudo iniciado por William MacDougall (1871-1929), que publicou o primeiro livro sobre o assunto com o título: "*An introduction to social psychology*", mas o grande pesquisador sobre a matéria tem sido considerado Kurt Lewin (1890-1947) que deu ênfase ao estudo dos pequenos grupos. Em oito anos que se dedicou ao estudo da psicologia social conseguiu torná-la um campo distinto das outras ciências sociais, como das outras ciências psicológicas. Kurt Lewin propôs ainda uma distinção entre "sócio-grupo" e "psico-grupo", em que o "sócio-grupo" seria o grupo incumbido de uma determinada tarefa e o "psico-grupo" aquele formado por

interesses relacionados às afinidades dos componentes dos integrantes do grupo. (MAILHIOT, 1970, p. 24).

Sob esta perspectiva, a Sala de Leitura, pela sua organização especial, favorece a formação dos “sócio-grupos”, que promovem a interação entre as crianças e jovens, especialmente aqueles recém-chegados à escola por transferência de outras unidades escolares. Os recém-chegados são acomodados nas mesas coletivas e recebem tarefas, que irá favorecer sua interação com os novos colegas. Os grupos que costumam sentar-se juntos, acostumados a partilhar tarefas e brincadeiras, têm a característica dos “psico-grupos”, mas durante a aula na Sala de Leitura assumem o papel de “sócio-grupos”, desempenhando suas tarefas com atenção e, ao receber um novo integrante no grupo, com o tempo este novo participante poderá vir a ser um novo integrante de seu “psico-grupo”.

## **2.2 A Sala de Leitura entendida como um ambiente que propicia exploração do mundo e desenvolvimento de habilidades e competências**

Apesar das dificuldades apontadas por Doyle (1996) e McVey (1996), sobre o tipo e organização do mobiliário, bem como sua condição ergonômica, a Sala de Leitura pode ser considerada um ambiente seguro, onde os alunos, através dos recursos disponíveis, podem abstrair e se deslocar no tempo e no espaço em textos literários ou informativos, que os permita ampliar seu conhecimento de mundo.

Marisa Lajolo retoma este instigante assunto em seu livro “Do mundo da leitura para a leitura de mundo” (2001) no qual traça “trajetos seguros e paisagens sedutoras na tão necessária travessia do mundo da leitura à leitura do mundo, e seu vice-versa” (LAJOLO, 2001, p.8). Para ela a leitura é uma prática circular e infinita, fonte de prazer e sabedoria, que se inicia na escola e acompanha as crianças e jovens em sua vida adulta, em uma espiral quase em fim. As crianças são naturalmente curiosas e ávidas de mais e mais conhecimentos a respeito do mundo. Mais vale conhecer de forma segura, através dos livros, todo este mundo de oportunidades no qual vivemos, com seus deleites e perigos, do que enveredar

numa senda com percalços. Como no conto do “Flautista de Hamelin” (TAVARES, 2012), há que se ter cuidado com os perigos do mundo...

Zabala (1998) discorrendo sobre tipos de conteúdos que enriquecem a prática educativa, lembra a importância de cada um: os conteúdos procedimentais, que se referem à competência a partir da realização de exercícios que apresentem paulatinamente maior grau de dificuldade. Utilizando exemplos recolhidos do cotidiano em situações significativas o aluno irá aprender os diferentes passos, ou ações requeridos na resolução dos problemas apresentados. No desenvolvimento destes conteúdos o aluno irá assumindo gradativamente o domínio dos conteúdos conceituais pretendidos pelo professor; os conteúdos atitudinais, que requerem diretamente a construção de valores humanos, tais como o respeito, solidariedade e compartilhamento, que permeiam as aquisições conceituais e procedimentais. Pensamentos e sentimentos se constroem mais a partir das relações humanas estabelecidas do que simples regras socialmente aceitáveis. Na dinâmica das aulas, na interação entre os alunos é que surgem as diferenças individuais que precisam ser discutidas e aplainadas, através da reflexão crítica que favoreça os modelos de atitudes que se queiram desenvolver.

No decorrer da experiência com a sala de leitura, buscou-se aliar os conteúdos procedimentais e atitudinais, valorizando os seguintes aspectos para todas as turmas: adentrar à Sala acomodando-se ao redor das mesas, respeitando o limite de cinco alunos por mesa; trazer um caderno e estojo com lápis de escrever e de colorir para registrar as impressões dos livros utilizados; evitar o trânsito entre as mesas e conversas desnecessárias; deixar na sala de aula lanches e bebidas que tenham trazido de casa, para manter o ambiente limpo e sem pragas, comuns nestes ambientes; o empréstimo de qualquer livro ou outro material aos colegas, deve observar a devolução o quanto antes; ler o livro ou fazer a tarefa proposta até o fim, antes de buscar livro de seu interesse nas estantes para leitura avulsa e possível empréstimo; manusear os livros com cuidado, mantendo-os abertos sobre as mesas, sem dobrar as páginas, riscar ou fazer anotações em suas páginas; realizar anotações no caderno sobre as atividades desenvolvidas, registrando, na medida do possível, o título do livro e nome do autor.

Com estes procedimentos é possível acreditar que a criança ou jovem que nos dias atuais frequenta a Sala de Leitura possa, nos dizeres do “Caderno

Orientador para ambientes de leitura” (PMSP/SME/DOT, 2012, p. 101) reiterar: “O que começa na Sala de Leitura pode terminar na Biblioteca.”

A Sala de Leitura oferece aos alunos inúmeras possibilidades de leitura, nos mais diversos gêneros e que pode atender ao gosto de todas as idades. A leitura dirigida ou compartilhada durante a aula pode ensejar o interesse pelo autor da obra ou seu título, fazendo com que o aluno solicite empréstimo para dar continuidade à leitura em seu domicílio. Os alunos mais jovens costumam levar para casa para que os pais leiam e expliquem a história, o que auxilia sobremaneira o trabalho do (a) professor (a) alfabetizador (a).

Desta forma, entende-se que a dinâmica da sala de leitura, como exposta anteriormente, embora seja diferente da dinâmica das Bibliotecas, pode compor com elas nos seus objetivos, ou seja, o incentivo à leitura e à pesquisa, evidentemente, contendo todas as implicações discutidas sobre as ações de acolhimento e hospitalidade que supõem tensões e conflitos nos espaços e lugares de hospitalidade. No capítulo seguinte serão detalhados os procedimentos que embasaram a presente pesquisa.

### **CAPÍTULO 3 A EXPERIÊNCIA DE UMA SALA DE LEITURA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

Descrever as ações e realizações que aconteceram em dezoito meses de atuação na função de Professor Orientador de Sala de Leitura requer o detalhamento de aspectos sociais, físico-estruturais e humanos envolvidos neste ambiente de trabalho. A escolha da metodologia a ser adotada implicou diretamente nos resultados obtidos pelo fato de aceitar as opiniões e ação colaborativa dos alunos. As ações pedagógicas desenvolvidas com as turmas de alunos foram bastante diferenciadas daquelas praticadas nas salas de aulas regulares, e estas observações quanto ao comportamento das turmas e as interações estes alunos dificilmente poderão ser contempladas em sua totalidade. Algumas situações individuais ganharam ênfase e mereceram atenção, especialmente no que se refere à altura dos alunos das turmas, o que levou à coleta de dados de suas alturas, com implicações no campo da biometria. As principais observações e realizações foram transcritos e resignificados à luz dos conhecimentos acadêmicos, e também feitas as indicações para estudos mais amplos e significativos que se apliquem a este ambiente escolar.

A amplitude dos conhecimentos oferecidos aos alunos nos ambientes destinados à leitura e pesquisas pode ser delineado em uma montagem fotográfica onde as duas estantes da Sala de Leitura da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita se apresentam a um aluno estudando (Figura 2), como se a sua volta grande parte do conhecimento acumulado nos livros estivesse à disposição de seu interesse, quando em busca dos saberes existentes no mundo.



**Figura 2.** Painel de fotos contendo as duas estantes da Sala de Leitura da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita e um aluno estudando.

Fonte: material original, com imagens registradas pela Autora.

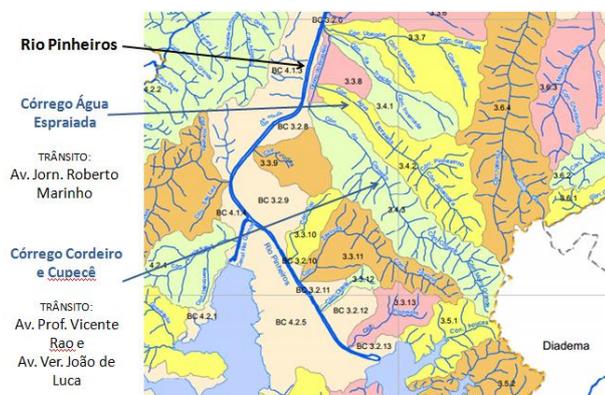
### 3.1 A escola inserida no seu contexto social como objeto de estudo

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vieira de Carvalho Mesquita fica situada no bairro Cidade Domitila (Figura 3), e dista dezesseis quilômetros da Praça da Sé, marco zero da cidade. A escola denominava-se inicialmente “Escola Municipal da Cidade Domitila”, mas passou a receber a atual denominação por força do Decreto 11.930/1975, tendo em vista a expressiva significação da patronesse, oriunda de tradicionais famílias paulistanas, em suas ações no campo da Assistência Social.



**Figura 3:** Mapa da região metropolitana com apontamento do endereço da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita  
Fonte: Googlemaps. Visualizado em 01/02/2013

A denominação do bairro e sua localização, entre o centro da cidade e os grandes reservatórios – Billings e Guarapiranga – que abastecem a metrópole, remetem sua origem ao período bandeirantista, quando a ocupação do território em direção ao interior se fazia, vindo do litoral pelo antigo “Caminho do Mar” e buscando alcançar o interior pela via fluvial, como se observa na Figura 4.



**Figura 4:** Parte da bacia hidrográfica da cidade de São Paulo – Zona Sul  
Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo: Mapa hidrográfico com bacias Disponível em [http://www.aguaspluviais.inf.br/Mapas/Mapa\\_hidrografico\\_com\\_bacias.pdf](http://www.aguaspluviais.inf.br/Mapas/Mapa_hidrografico_com_bacias.pdf)  
Visualizado em 01/02/2013

Um marco característico do bandeirantismo na região é representado pelo “Sítio da Ressaca” (Figura 5), construção com características do período colonial brasileiro. Este nome se refere ao córrego Barreiro que o banhava e a data que consta na verga de sua porta principal é 1719, o que indica a data provável de sua construção. O levantamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional iniciado em São Paulo por Mário de Andrade em 1937 reconhece a casa do “Sítio da Ressaca” simplesmente como “casa velha do Jabaquara”, que seria descrita, em seu primeiro relatório, datado de 16/10/1937, como referência ao fato de ter pertencido ao Padre Domingos Gomes Albernás (MAYUMI, 2006, p. 28). Em 1972 o valor desta construção é reafirmado por Júlio Roberto Katinsky em sua tese de doutoramento (1973), sendo considerada uma das doze construções dignas de atenção pelo seu valor “histórico, formais e construtivos”. Na tese de Lia Mayumi (2006) as casas do Butantã e do Caxingui, consideradas como exemplares de “tipo perfeito” da tradição bandeirantista, coloca em primeiro lugar o “Sítio da Ressaca” como exemplo dos tempos de “novidades e experimentação”, pois sua planta baixa de construção difere do “tipo perfeito”.



**Figura 5:** Casa do “Sítio da Ressaca”  
Fonte: Mayumi, 2006, p. 181.

Construções preservadas como a do “Sítio da Ressaca” servem para reavivar a lembrança da enorme transformação pela qual passou a cidade, desde o período colonial. Em menos de duzentos anos, o transporte, que era feito por barças e tropeiros desapareceu. Em 1939 o Plano de Avenidas, elaborado na gestão do Prefeito Prestes Maia previa o transporte público por bonde e ônibus,

além dos veículos particulares e viabiliza o surgimento dos “bairros populares” que, em 1950, acomodavam 40% dos moradores de São Paulo em casa própria. (KOWARICK, 2009)

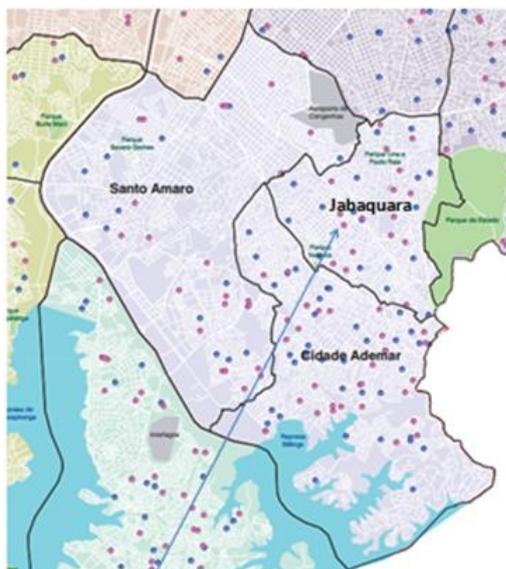
Já a implantação da linha norte-sul do metrô a partir do início da década de 1970 fez parte do Plano de Desenvolvimento Estratégico da cidade, como lembra Bonduki (2011), gerando não somente empregos e desenvolvimento aos habitantes tradicionais, mas também atraindo famílias em busca de oportunidades socioeconômicas nas periferias das cidades. Pode-se dizer que aconteceu nesta região o que o autor chama de “bairro dormitório”, caracterizado por residências simples nas quais seus moradores dependem do transporte público para se locomoverem para seus empregos, nos bairros mais centrais. Finalizadas as obras do metrô surgiram na região oportunidades relacionadas à implantação das Avenidas Cupecê, que faz parte do “Anel Viário”, e da Avenida Jornalista Roberto Marinho, que irá suportar também o sistema de “Monotrilho”, atualmente em fase de implantação. Estas obras atraem trabalhadores braçais que buscam alojamentos improvisados em qualquer área – pública ou privada, e que são associados a atos de violência urbana que caracterizam a metrópole.

O bairro pode ser caracterizado, grosso modo, como constituído por moradores mais antigos, proprietários de suas residências, cujos terrenos foram adquiridos pelos loteamentos que urbanizaram o bairro a partir da década de 1960. A localização e a convivência estabelecida entre os moradores e seu bairro, pode ser melhor compreendidas pelo último levantamento socioeconômico promovido na Escola, em 2013, na Avaliação Nacional da Alfabetização (A.N.A.). No conjunto de questões denominadas “Indicador de Nível Socioeconômico” (MEC/INEP/Inse, 2013) as respostas dos alunos, acompanhados de seus familiares, classificou a Escola no Grupo 5 (Anexo 3), em uma escala que varia de 1 a 7, de acordo com a metodologia aplicada. De acordo com o que determina a Nota Técnica do MEC/INEP/INSE (2013), o Nível 5 corresponde às seguintes condições socioeconômicas:

Nível V (60;70): Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo maior de bens elementares como 3 quartos e dois banheiros; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos, um carro, além de uma TV por assinatura e um aspirador de pó;

não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal é maior, pois está entre 5 e 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram o ensino médio. (MEC/INEP/INSE, 2013)

Na atualidade a escola sofre de uma dicotomia severa, pois se de um lado está inserida em uma comunidade que se beneficia do Terminal do metrô Jabaquara para seu acesso ao centro da cidade e está vinculada à Subprefeitura do Jabaquara em seus aspectos administrativos, sua dependência, relativamente aos órgãos da Secretaria da Educação, está vinculada à Diretoria Regional de Educação de Santo Amaro (Figura 6), o que causa dificuldades de várias ordens à comunidade escolar em suas demandas.



**Figura 6:** Localização da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita  
Fonte: Googlemaps Visualizado em 01/02/2013

Para o Professor que trabalha em sala de aula estas condições são pouco perceptíveis, pois os alunos recebem e usam uniforme fornecido pela Prefeitura.

### **A Sala de Leitura inserida na unidade escolar**

A Sala de Leitura, objeto deste estudo, é uma dependência da escola, situada no piso intermediário, que contém também as dependências administrativas da unidade escolar, a saber: entrada para o público e equipe escolar, Secretaria, Salas da Equipe de Gestão e Coordenação, Sala dos Professores, brinquedoteca, Sala de Informática, Sala de recursos multimídia, além de salas para alunos com

necessidades especiais envolvidos nas aulas de reforço e sanitários da equipe de gestão e corpo docente. No piso inferior estão o pátio coberto, cozinha e despensa, sanitários dos alunos e funcionários da equipe de apoio, quatro salas de aulas e acesso às quadras e pátio descoberto. No piso superior estão localizadas oito salas de aula. A circulação das pessoas entre estes três pisos é feita por uma escadaria principal e outra, secundária, pouco utilizada. A escola não dispõe nem de elevador nem de rampas de acesso para uso dos alunos com alguma deficiência física.

Uma imagem da entrada da Sala de Leitura e o horário de aulas de cada turma, de acordo com a organização da Escola (Fotos 1 e 2), remetem ao princípio da “publicidade” da administração pública, explicitado no Art. 37 da Constituição Federal.



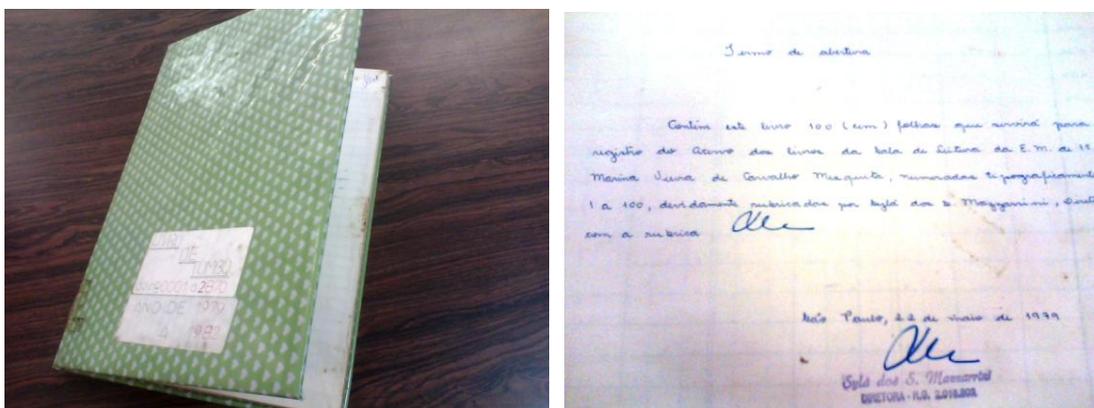
HORÁRIO	2a F	3a F	4a F	5a F	6a F
7:00 - 7:45	3 A	-	-	-	-
7:45 - 8:30	3 B	-	-	-	-
8:30 - 9:15	H.I.	-	-	-	-
9:35 - 10:20	1 C	4 A	3 C	1 A	2 A
10:20 - 11:05	PQ.COM.	2 C	PEA 1	2 B	1 B
11:05 - 11:50	PQ.COM.	4 B	PEA 1	-	4 C
12:00 - 12:45	PEA 2	PEA 2	PEA 2	-	+E 9*
12:45 - 13:30	PEA 2	PEA 2	PEA 2	-	+E 9*
13:30 - 14:15	5 A	7 B	8 A	-	9 B
14:15 - 15:00	COH	5 C	5 B	-	9 A
15:00 - 15:45	H.I.	9 D	H.I.	-	8 B
16:05 - 16:50	8 C	7 A	-	-	-
16:50 - 17:35	9 C	-	-	-	-
17:35 - 18:20	-	-	-	-	-

**Fotos 1 e 2:** A soleira e o horário das turmas em 2014

Fonte: Arquivo pessoal em dezembro/2014

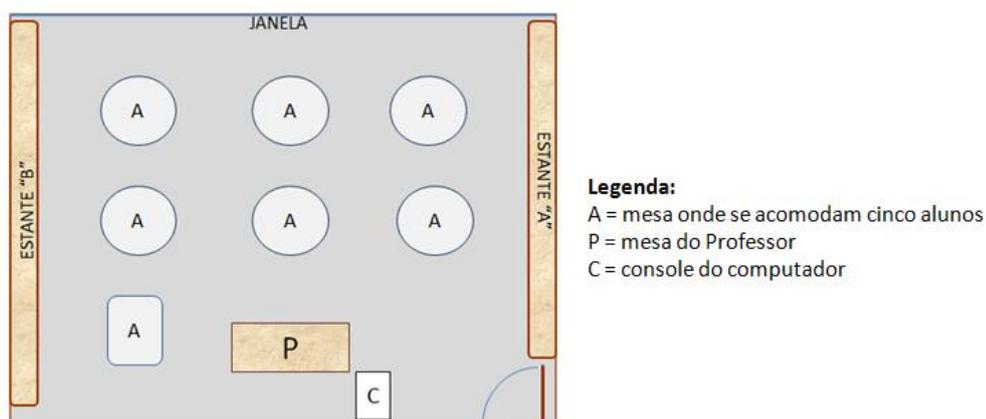
A importância da soleira na porta da Sala de Leitura nos remete ao texto de Grassi (2011) que trata da sua importância e da sua transposição nos estudos da Hospitalidade. A porta da Sala de Leitura oferece o adentramento a um ambiente especial da escola e permanece aberta quando está presente o Professor Orientador de Sala de Leitura ou outro profissional da Educação que assuma a responsabilidade pelos bens do local. Permanece aberta como sinal de possibilidade de acesso da comunidade local ao acervo e aos conhecimentos que ele contém. A legalidade e legitimidade do Professor Orientador da Sala de Leitura é reforçada pela posição, na face externa da porta, do horário que cumpre na unidade escolar e de atendimento a cada uma das turmas, de acordo com horário estabelecido no início do ano pela Equipe de Gestão da unidade escolar.

A Sala de Leitura foi instituída, conforme consta no termo de abertura do Livro de Tombo, em 22 de maio de 1979, conforme registro feito pela Diretora em exercício naquela época Profa. Sylá dos Santos Mazzarrini (Fotos 3 e 4).



**Fotos 3 e 4:** Capa e registro da abertura do Livro de Tombo  
Fonte: Arquivo pessoal em dezembro/2014

A “Sala de Leitura” da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita tem oito metros de largura e sete metros de profundidade, tendo uma porta que dá para o corredor interno e na parede oposta uma janela que ocupa toda a largura da sala, conforme a Figura 7, abaixo. Nesta representação esquemática, sem escala, é possível identificar os principais itens que da sua organização espacial.

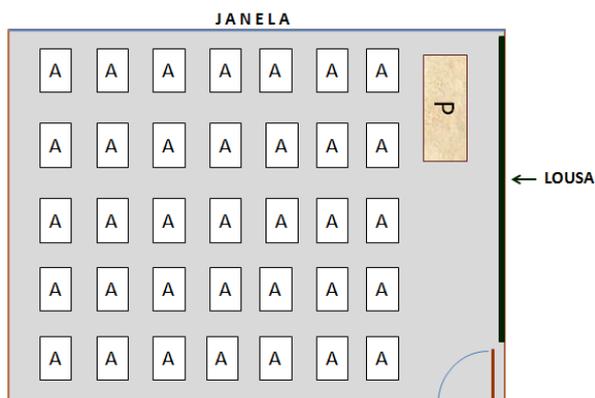


**Figura 7** – Representação esquemática da Sala de Leitura e seus principais equipamentos  
Fonte: construção própria

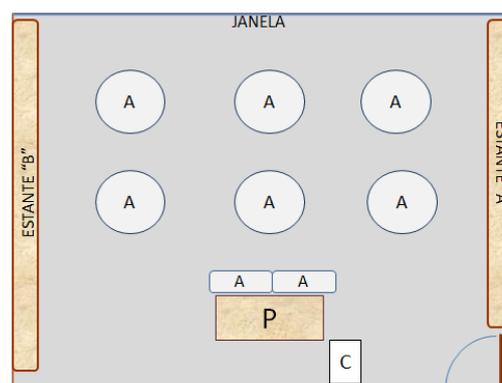
### A destinação da Sala de Leitura para o “trabalho em grupos”

A dinâmica particular do “trabalho em grupos” ainda precisa ser melhor entendida pelo colegiado das Escolas, em geral, que reconhecem a importância desta prática para encontros de capacitação ou propostas desenvolvidas nos

ambientes empresariais e de gestão de negócios, mas que não é usual nas escolas de ensino fundamental e médio, por parte de grande maioria dos professores que atuam nas salas de aula regulares. As representações esquemáticas de uma sala de aula regular (Figura 8) e da Sala de Leitura da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita (Figura 9) foram elaboradas para melhor visualização desta questão.



**Figura 8** – Representação esquemática de uma sala de aula regular  
Fonte: construção própria



**Figura 9** – Representação esquemática da Sala de Leitura  
Fonte: construção própria

Ao compararmos, simplesmente, a Sala de Aula regular com a Sala de Leitura, é possível constatar algumas diferenças fundamentais, explicitadas no Quadro 3:

Sala de Aula	Sala de Leitura
35 carteiras individuais	6 ou 7 mesas coletivas
Lousa	Equipamento de multimídia
Poucos livros, didáticos ou paradidáticos, utilizados sob orientação direta do(a) Professor(a)	Muitos livros cuja leitura é proposta pelo Professor(a), mas de livre acesso dos alunos
Interatividade preferencial entre Professor-Aluno	Interatividade preferencial Aluno-Aluno

**Quadro 3** – Principais diferenças entre uma sala de aula regular e uma Sala de Leitura  
Fonte: organização da autora

Ao atentarmos para as diferenças apontadas neste Quadro é possível constatar as imensas possibilidades de estudos, pesquisas e produções na área da Educação.

### **Metodologia de trabalho: a pesquisa-ação**

[...] quem sabe, conseguiremos, atravessando a desconstrução, a desordem e o caos, reconstruir, com base nos dados da realidade e na reflexão sistemática, analítica e interpretativa, novos paradigmas, renovados quadros de referência, densos, consistentes e coerentes, objetivamente elaborados, sobre identidades coletivas em um mundo em processo de globalização. (SAMPAIO SILVA, 2006)

A elaboração dos conhecimentos que acontece ao nos depararmos com alguma situação “implica numa condição prévia, um pressuposto relacionado a nossa concepção da relação sujeito/objeto” (SEVERINO, 2007, p. 100). Assim, na busca no entendimento ao se trabalhar dentro de uma situação-problema, nossa primeira atividade é a observação dos fatos e, além disso, buscar a formulação de hipóteses que expliquem a causa dos fenômenos observados. A testagem das hipóteses e sua verificação subsequentes acabam por constituir, a todo este conjunto de ações, o chamado método científico.

Algumas situações-problema requerem urgência na modificação das circunstâncias observadas em curto espaço de tempo. A melhor via para se obter sucesso nesta empreitada é constituir um grupo de trabalho onde os principais interessados possam opinar e agir de forma sincronizada até que o resultado se apresente satisfatório para a maioria dos atores. Esta disposição de agir, aprender, transformar e melhorar a realidade é bastante utilizada em Educação, especialmente em matéria de formação de adultos, educação popular e formação sindical. Nas escolas de Educação Básica a aplicação “é mais rara e difícil, talvez por causa de resistências institucionais e de hábitos professorais” (THIOLLENT, 2011, p. 84).

Desta forma, Thiollent (2011) defende que a pesquisa-ação como metodologia que vai além da simples descrição ou avaliação de uma situação, e afirma:

No contexto da construção ou da reconstrução do sistema de ensino, não basta descrever e avaliar. Precisamos produzir ideias que antecipem o real ou que delineiem um ideal. (THIOLLENT, 2011, p. 84).

Na concepção deste autor “os pesquisadores em educação estariam em condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”.

Na reconstrução, não se trata apenas de observar ou de descrever. O aspecto principal é projetivo e remete à criação ou ao planejamento. [...] No caso da projeção, pressupõe-se que o pesquisador dispõe de um conhecimento prévio a partir do qual serão resolvidos os problemas de concepção do objeto de acordo com regras ou critérios a serem concretizados na discussão com os usuários. Não é um método de obtenção de informações; nesse caso particular, é um método de “injeção” de informações na configuração do projeto. (THIOLLENT, 2011, p. 85/86).

Durante a realização de um projeto fundamentado na pesquisa-ação os resultados parciais são divulgados enquanto vão sendo obtidos, num processo de caráter conscientizador e comunicativo a partir do qual são discutidos vários aspectos da realidade, dos objetivos e dos critérios de transformação, no sentido de fortalecer tendências criadoras e construtivas.

### **O papel do protagonismo infanto-juvenil**

Esta expressão foi cunhada por Antonio Carlos Gomes da Costa, educador mineiro que desde 1980 vem atuando na promoção e defesa dos direitos infanto-juvenis. Pela sua atuação, destacou-se como membro que discutiu e elaborou o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, transformado na Lei nº 8.069, de 13/07/1990.

O protagonismo Infanto-Juvenil é uma prática educativa que coloca a criança e o jovem como elementos centrais dos Projetos educativos. Através do incentivo da comunidade escolar ou por decisão própria a criança ou jovem promovem, elaboram, executam e avaliam as ações iniciais propostas, preparando-se para participação ativa, quando adulto, na comunidade.

Nestas ações de protagonismo estão contidas:

- Eleição de “representantes de classe” para atuar no Conselho Participativo das Escolas;
- Formação e participação de grupos com interesses em projetos diferenciados no espaço escolar, como música, dança e outras expressões artísticas;
- Formação e participação de grupos para desenvolvimento ou apoio a projetos situados fora do ambiente escolar, principalmente aqueles que envolvem ajuda humanitária, como visitas a creches e asilos de idosos.

Durante o desenvolvimento deste projeto de promoção da acessibilidade da Sala de Leitura houve o incentivo para a ação protagonista das crianças e jovens nas semanas iniciais, sem o que teria sido impossível ao Professor Orientador da Sala de Leitura, reorganizar todo o acervo. Por outro lado, estas ações de Protagonismo favorecem o surgimento de habilidades e competências na área de leitura e movimentação do acervo, o que oferece oportunidade às criança e aos jovens para ações de “Mediadores de Leitura”. Os "mediadores de leitura" são funcionários das Bibliotecas, Salas de Leitura, alunos em geral ou voluntários que tenham gosto pela leitura e recebem capacitação especial para atuar tanto nas escolas, como nas livrarias e nos espaços públicos em geral valorizando a prática de textos literários. Uma das possibilidades de formação dos "mediadores de leitura" está a cargo, no Governo do Estado de São Paulo, da Biblioteca de São Paulo através do centro de estudos "A cor da letra". (TROLEZI, 2011)

### **Caracterização da sala de leitura a partir de sua dinâmica de acolhimento**

A acolhida aos alunos na entrada da Sala de Leitura foi feita com um invariável “Bom Dia!”, ou “Boa Tarde!”. Prática rotineira, assumida desde os primeiros anos do magistério, antes, muito comum, mas relativamente esquecida pelos professores mais jovens, ingressantes na carreira. Os alunos mais jovens desde sempre apreciaram este procedimento, costumando repetir, em coro, a saudação, logo que se acomodam em seus lugares. Pode-se considerar, portanto, esta transposição “acolhedora” do exterior ao interior do ambiente, como um diferencial em relação às bibliotecas comuns. Além disso, acostumados à sala de aula regular, onde permanecem na maioria do tempo, a Sala de Leitura se oferece, mais do que tudo, como a oportunidade que os alunos têm de se agruparem

livremente, se aproximarem dos amigos. A Foto 5 mostra o aspecto geral da Sala de Leitura, vista o se adentrar pela porta.



**Foto 5:** Aspecto geral da Sala de Leitura  
Fonte: Arquivo pessoal em outubro/2013

O diâmetro da mesa favorece o oferecimento de livros com temas variados, cada um podendo ler o que lhe parece interessante. Quando os alunos encontram algum texto ou ilustração interessante, logo compartilham esta informação com os amigos, nesta ou em outra mesa. Poucas vezes se consegue a leitura silenciosa, predominando a leitura seguida de comentários e compartilhamentos. Ao final da aula boa parte dos alunos pede para levar emprestado o livro que encontrou, ou que foi indicado por um colega para levar para casa e ler com calma, muitas vezes com auxílio dos pais. É feita a recomendação que devolvam os livros emprestados depois de uma semana, na aula seguinte, o que geralmente acontece. Alguns alunos pedem a renovação por mais alguns dias, por terem esquecido o exemplar em casa, ou porque ainda estão no término da leitura, o que é concedido.

Retirar os livros das prateleiras e devolvê-los ao mesmo lugar foi um exercício bastante praticado tanto com mais novos quanto com os mais velhos. O manuseio do livro, o reconhecimento da capa com seus elementos, e lombada, o folhear cuidadoso foram habilidades desenvolvidas durante todo este período. A própria ordem e limpeza do ambiente tiveram de ser valorizados continuamente, pois no início os alunos costumavam trazer guloseimas que consumiam e deixavam as embalagens pelo chão. A conscientização do perigo do consumo das guloseimas entre o horário das refeições sem a adequada higiene bucal precisou ser reforçada, para que deixassem o hábito.

Assim, a dinâmica da Sala de Leitura ultrapassou a escolha e o manuseio dos livros, significando a possibilidade de uma aprendizagem de hábitos e constituição de relações. Desta forma, torna-se significativa a frase: “Não há perguntas prévias para se ler. Há perguntas que se fazem porque se leu.” (GERALDI, 2003, p.170)

As relações interlocutivas que surgem a partir da inspiração das leituras contribuem na produção de textos assumidos por seus autores, criados a partir de suas experiências: reais ou imaginárias. Através da interlocução desencadeada pelas leituras são desvelados sistemas de referências que contribuem na interpretação de suas próprias vidas. (GERALDI, 2003, p. 171)

### **Reconhecimento dos equipamentos e do acervo**

A Sala contém mais de nove mil exemplares tombados, dentre os quais conjuntos de livros paradidáticos para serem usados em sala de aula, que vêm sendo tombados manualmente desde o início da organização do acervo. Além disso, possui também fitas de vídeo no formato VHS, CDs e DVDs para serem apresentados aos alunos com o uso de equipamentos apropriados com auxílio de uma televisão. Estes equipamentos estão acomodados em armários com portas metálicas na parede que medeia a Sala de Leitura com o corredor interno da escola, lateral à porta. Nestas ocasiões as mesas são deslocadas para melhor apreciação destes materiais por parte dos alunos (Foto 6).



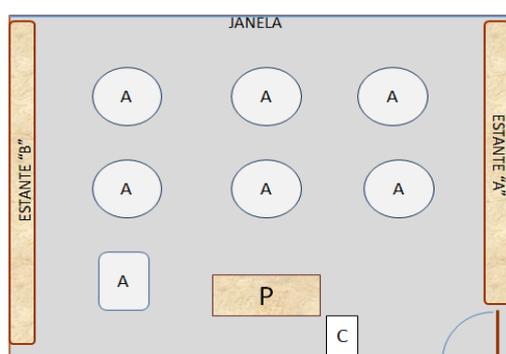
**Foto 6** – Foto do arranjo especial para apresentação de vídeo com uso de *DVD-player* e televisão

Fonte: Arquivo pessoal em julho/2013

No início das atividades estavam dispostas na Sala de Leitura seis mesas redondas (Figura 9), com cinco pés cada, com a capacidade ideal de cinco cadeiras. Entretanto, dado que as turmas no Ensino Fundamental são compostas por 35

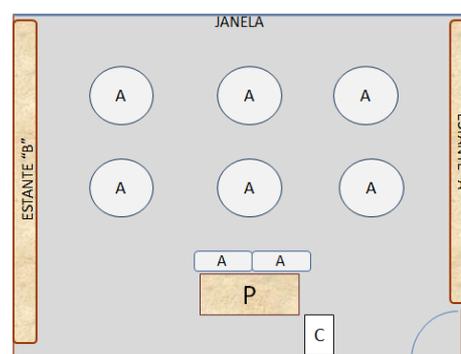
alunos, acrescentou-se mais uma mesa, favorecendo assim uma melhor acomodação dos alunos. Para atender aos de menor estatura, foram trazidas duas mesas da Sala de Informática que, lado a lado, logo se transformaram em um local de reunião diferenciado e bastante disputados por grupos de alunos, meninos ou meninas, de acordo com a turma.

Este par de mesas, a princípio, foi colocado próximo da Estante “B” (Figura 10) e depois deslocadas para defronte da Mesa do Professor Orientador da Sala de Leitura (Figura 11), pois muitos alunos, especialmente os menores, buscavam maior atenção em suas ações, ou afastamento dos colegas mais agitados, encontrando nesta proximidade o atendimento aos seus interesses.



**Figura 10** – Representação esquemática da inclusão de uma mesa (situação inicial)

Fonte: construção própria em outubro/2013



**Figura 11** – Representação esquemática da inclusão de uma mesa (situação definitiva)

Fonte: construção própria em fevereiro/2014

A organização inicial dos livros, nas prateleiras mais altas, atendia aos diversos campos dos saberes pedagógicos, tais como Administração Escolar, Currículo, Práticas pedagógicas e Metodologias de Ensino, Psicologia, Filosofia, dentre outras. Nas prateleiras inferiores os livros destinados às pesquisas escolares tratados pelos professores especialistas, juntamente com livros de literatura, em verso ou prosa. Estes exemplares estavam organizados em ordem alfabética pelo nome dos autores. Assim, os livros destinados ao público infantil escritos por Ana Maria Machado, estavam em prateleiras mais altas, enquanto uma autobiografia de Paulo Freire estava nas prateleiras inferiores. Dada esta organização, muitos dos livros acomodados em prateleiras altas eram de interesse dos alunos, enquanto que outros, menos interessantes, encontravam-se nas prateleiras mais baixas.

## 3.2 As turmas e as ações desenvolvidas na Sala de Leitura

### Superação de dificuldades físico-estruturais iniciais

Nos primeiros meses foi possível identificar a origem de uma pequena infiltração de água de chuva, advinda do fio da antena coletiva, em desuso, que adentrava a Sala por um vão entre a parede e a esquadria da janela, em um dos cantos da Sala. A água que por este vão penetrava umedecia os livros dispostos nas prateleiras localizadas no desvão sob a janela, estragando-os. Mais ainda: o fio percorria toda a largura da Estante “B” (Figura 7) fazendo com que as prateleiras inferiores e os livros dispostos nelas estivessem bastante mofados.

Detetado o problema, com autorização da Direção, o fio foi removido, os livros ainda servíveis colocados para secar por alguns dias (Foto 7), selecionados em categorias amplas sobre cadeiras rotuladas com folhas manuscritas (Foto 8) e recolocados nas estantes nesta nova ordem para consultas.



**Foto 7** – Livros arrumados para facilitar a secagem  
Fonte: Arquivo pessoal em julho/2013



**Foto 8** – Fotos dos livros nas semanas iniciais de reorganização do acervo  
Fonte: Arquivo pessoal em julho/2013

O passo seguinte consistiu na limpeza e afastamento de insetos e animais daninhos, com a eliminação do cheiro de bolor que havia na Sala de Leitura. A contínua insistência para que deixassem na Sala de Aula os lanches trazidos de casa diminuiu o consumo de balas e doces, o que acabou por diminuir as embalagens espalhadas pelo chão, o que causaria a atração de ratos e baratas que costumam buscar estes resíduos por toda parte. Além disso, retirando do chão as caixas com livros (Foto 7), a limpeza foi bastante facilitada para a equipe encarregada, tornando o ambiente acolhedor e de fruição das atividades próprias da Sala de Leitura.

## Os alunos, suas características biométricas a algumas questões de acessibilidade

Ao considerar que a Sala de Leitura atende a todas as turmas da escola, a variabilidade de seus interesses, de acordo com a idade, interesses e competência leitora dirigiu a atenção para suas características biométricas. Do total dos alunos matriculados, distribuídos em vinte e cinco turmas, doze eram do Ensino Fundamental, do 1º ao 4º ano e treze de 5ª a 8ª série. Em uma amostra de quinhentos e trinta alunos considerados, pertencentes às diferentes turmas, foi feita uma avaliação física, durante o mês de outubro de 2013, para quantificar as diferenças de alturas por série.



**Fotos 9 e 10** – Duas alunas, uma das séries iniciais e outra, da série final  
Fonte: Arquivo pessoal em novembro/2013.

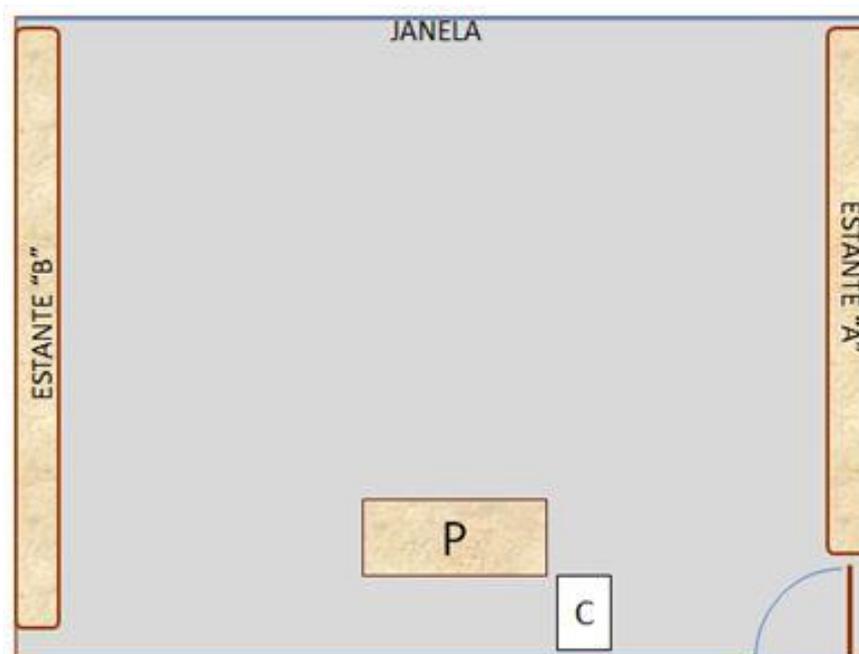
Sem dispor de instrumental adequado, foi afixada uma fita métrica na divisória da estante “B” (Fotos 9 e 10), onde os alunos se perfilavam e onde era feito o registro individual, mas aproximado, de suas alturas. Verificou-se uma variação entre diferentes faixas etárias, mas também entre alunos de uma mesma série. Os valores obtidos foram tabulados (Apêndice 6) e a média geral das diferentes turmas apresentou uma variação de um pouco mais de quarenta centímetros, entre os alunos do 1º ano à 9ª série (Apêndice 7).

A variação pode ser entendida de diferentes maneiras, como por exemplo, origens étnicas e sociais, nível socioeconômico, proveniência e condições de saneamento, acompanhamento médico e atendimento às necessidades especiais particulares. Serão relatadas as ações desenvolvidas buscando oferecer uma maior

acessibilidade aos alunos dos anos iniciais, a organização dos livros da Sala de Leitura, sua disponibilização para maior acesso. Estas ações numa primeira avaliação garantiram maior fruição do acervo disponível, de uma forma amistosa e autônoma por parte de todos os alunos, atendendo adequadamente a proposta pedagógica das Salas de Leitura, que busca desenvolver o hábito de leitura como, além de facilitador na alfabetização dos alunos e meio de acesso aos bens culturais e como forma de sociabilização entre os alunos.

### Reorganização geral dos livros

Com o auxílio e sugestões dos alunos, com acompanhamento da Equipe de Direção e Coordenação, o acervo foi sendo paulatinamente reorganizado, especialmente nas estantes “A” e “B”, situadas nas paredes laterais da Sala, conforme Figura 12. Desta forma, um dos objetivos iniciais da pesquisa foi sendo atendido, que era identificar os entraves à acessibilidade física dos alunos aos livros e outros materiais disponíveis na Sala de Leitura. Assim, uma nova proposta de organização foi implantada, propiciando um ambiente mais apropriado para fruição dos livros e outros materiais disponíveis na Sala de Leitura.



**Figura 12** – Localização das estantes “A” e “B” na Sala de Leitura

Fonte: construção própria em fevereiro/2014

A questão da acessibilidade aos livros por parte dos alunos, considerando-os sujeitos autônomos, em sua curiosidade, que buscam respostas aos seus interesses individuais em condição autônoma incentivou um rearranjo geral dos exemplares disponíveis, a partir dos seguintes critérios:

1. Os livros de consulta pelo público adulto, tanto aqueles usados como textos de referência aos estudos, pesquisas ou leituras literárias foram colocados nas prateleiras mais altas, nas estantes “A” e “B”.
2. Os livros dos conteúdos curriculares foram colocados na estante “A”, subdivididos de acordo com sua área específica. Nesta estante foram criados alguns nichos para os livros que tratam das produções étnico-culturais.
3. Os livros de literatura foram colocados na estante “B”.
4. Os livros para o público infantil foram colocados nas prateleiras mais baixas e para o público juvenil, nas prateleiras intermediárias.
5. Nas prateleiras localizadas nos nichos sob uma das janelas foram colocados os livros destinados às turmas de alfabetização (Foto 11).



**Foto 11** – Foto das prateleiras com os livros organizados alfabeticamente para facilitar o acesso às turmas de alfabetização



**Foto 12** – Foto das caixas numeradas nos nichos inferiores da Estante “B”  
Fonte: Arquivo pessoal em novembro/2013.

Fonte: Arquivo pessoal em julho/2013

Nos nichos inferiores da estante “B” foram ainda colocados os conjuntos (cada um com mais de 15 exemplares) de livros paradidáticos dentro de caixas numeradas (Foto 12), para que os Professores pudessem utilizá-los em sala de aula como recurso complementar aos livros didáticos oferecidos.

Os alunos colaboraram ativamente nesta separação inicial dos livros e mesmo os mais jovens foram indicando os de sua preferência, que foram sendo

colocados em prateleiras mais baixas, de fácil alcance. Os Quadros 4 e 5 apresentam os esquemas de distribuição dos livros nas duas estantes:

- Estante “A” – nela foram colocados os livros relacionados aos conteúdos dos diferentes componentes curriculares do acervo. Por encontrar diversos livros relacionados aos assuntos das diversas culturas e etnias foi criada uma coluna de nichos especialmente para eles, bem próximo à janela. Na coluna ao lado, os livros de Geografia, seguidos dos de História, Ciências, Matemática e Educação Física. Na última coluna, perto da porta foram organizados os livros de poesias, de grande interesse dos alunos. (Quadro 4)

Leituras para Educadores	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores Ler e Escrever	Leituras para Educadores Artes	<i>Teatro adulto</i> - Nelson Rodrigues - Gianfrancesco Guarnieri	<i>Ópera</i> <i>Músicas e</i> <i>Músicos</i>
Paulo Freire Leonardo Boff	Geografia (textos para Professores)	<b>História</b> (textos para Professores)	<i>Ciências</i> (textos para Professores)	<i>Artes</i>	<i>Músicas e</i> <i>Músicos</i>
<b>CULTURA E FOLCLORE</b>	Geografia	<b>Mitologia e História</b>	<i>Ciências</i>	<i>Artes</i> <i>Rádio, TV e</i> <i>Journal</i>	<b>Poesia</b>
<b>CULTURA E FOLCLORE</b>	Geografia	<b>História</b> <b>Coleções</b> <b>paradidáticos</b>	<i>Ciências</i>	<b>MATEMÁTICA</b>	<b>Poesia</b>
<b>LENDAS DO FOLCLORE</b>	Geografia	<b>História</b> <b>Alunos - Ciclo II</b>	<i>Ciências</i>	<b>MATEMÁTICA</b>	<b>Poesia</b>
<b>LENDAS DO FOLCLORE</b>	Lendas do povo brasileiro (coleção)	<b>História</b> <b>Alunos - Ciclo I</b>	<i>Ciências</i>	<b>Educação Física</b>	<b>Poesia</b>
Paradidáticos para projetos	Lendas universais: - Irmãos Grimm - Andersen...	Paradidáticos variados	Ciências para as crianças	<b>Educação Física</b>	<b>Poesia para as crianças</b>

**Quadro 4** – Distribuição dos livros nos nichos da estante “A”  
Fonte: organização da autora

- Estante “B” – nela foram colocados no nível médio-alto os livros para apreciação, estudos e consulta, organizados da esquerda para a direita em ordem cronológica dos diferentes movimentos literários. (Quadro 5)

Enciclopédia Barsa	Leituras para Educadores Coleção azul/verde Min. Hadad	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores Filosofia, Ética, Deficiências e Inclusão	Leituras para Educadores
Escre. portuguesas - Pe. Antonio Vieira - Matias Aires - Camilo Cast. Branco - Eça de Queiroz	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Estudos de Literatura para Educadores
Romantismo - José de Alencar - Joaquim Manoel de Macedo - Manuel Antonio de Almeida	Realismo - Machado de Assis - Silvio Romero - Artur de Azevedo - Aluisio de Azevedo - Raul Pompéia	Modernismo - Manuel Bandeira - Lima Barreto - Viriato Correa * COLEÇÃO- Semana de 22 [19 vol.]	Neo-Realismo - Graciliano Ramos - Mario de Andrade - Cecilia Meirelles - José Lins do Rego - Carlos Dr. Andrade	Neo-Realismo - Erico Veríssimo - João G. Rosa - Raquel de Queiroz - Jorge Amado - José C. Carvalho - Mário Palmério - José M. Vasconcelos	Contemporâneos - Darcy Ribeiro - Fernando Sabino - Lygia Fagu. Telles - Stanislaw P. Preta - Marcos Rey - Rubem Fonseca	Contemporâneos - Carlos H. Cony - Autran Dourado - Lygia Bojunga - Luiz Fern. Verissimo - Ganymedes José - Ana Maria Machado
DICIONÁRIOS Português-Ingles E Gramáticas da língua inglesa	DICIONÁRIOS Português-Português E Minigramáticas Internet	As mil e uma noites e congêneres	Leitores Proficientes Ciclo II – nível 3	Detetives, mágicos, bruxas e vampiros Ciclo II	Leitores autônomos Ciclo II – nível 3	Leitores autônomos Ciclo II – nível 3
Ingles - Paradidáticos - Literatura inglesa	(Realismo) Monteiro Lobato - Coleção infantil - Urupês	Leitores Proficientes Ciclo I – nível 3	Leitores Proficientes Ciclo II – nível 2	Detetives, mágicos, bruxas e vampiros Ciclo II	Leitores autônomos Ciclo II – nível 2	Leitores autônomos Ciclo II – nível 2
Ingles - livros de exercícios	Leitores Proficientes Ciclo I – nível 1	Leitores Proficientes Ciclo I – nível 2	Leitores Proficientes Ciclo II – nível 1	Mistério e aventuras Ciclo I	Leitores autônomos Ciclo II – nível 1	Leitores autônomos Ciclo II – nível 1
CAIXAS 9 E 10	CAIXAS 11 E 12	CAIXAS 13 E 14	CAIXAS 15 E 16	CAIXAS 17 E 18	CAIXAS 19 E 20	CAIXA 21 E 22
CAIXAS 1 E 2	CAIXAS 3 E 4	CAIXAS 5 E 6	CAIXAS 7 E 8			

- Leitores Proficientes – sabem manusear adequadamente um livro e lêem com fluência, mas há necessidade de recomendação de leitura
- Leitores Autônomos – manuseiam adequadamente um livro, lêem com fluência e sabem escolher um livro de acordo com seus interesses

### Quadro 5 – Distribuição dos livros nos nichos da estante “B” Fonte: organização da autora

Nos nichos superiores das estantes “A” e “B” foram colocados os livros de consulta e estudos dos profissionais da escola sobre os diferentes temas estudados pela Educação.

A organização dos conjuntos de livros para uso do Professor em “caixas numeradas” (Foto 11) exigiu que esta parte significativa do acervo fosse registrada em planilha eletrônica (Quadro 6) para facilitar sua busca e acesso por parte do corpo docente em geral, em suas aulas. Nesta planilha cada título remetia ao autor da obra e número da caixa onde estava colocado cada conjunto de exemplares. Considerado o conteúdo das 25 caixas numeradas, estão disponíveis para os Professores 1.948 exemplares de 150 títulos diferentes. O computador disponível na Sala de Leitura, mesmo sendo um equipamento desatualizado, em muito contribuiu nesta tarefa.

CAIXAS NUMERADAS - APOIO AO PROFESSOR EM SALA DE AULA			
CAIXA	QUANT.	TÍTULO	AUTOR
0	1	DICIONÁRIO	Demerval Ribeiro Rios
0	1	DICIONÁRIO	Douglas Tufano
0	1	DICIONÁRIO	Gama Kuy
0	1	DICIONÁRIO	Geraldo Mattos
0	1	DICIONÁRIO	Luft
0	1	DICIONÁRIO	Maria Tereza C. Bideman e Carmen Sílvia Carvalho
0	1	DICIONÁRIO	Ruth Rocha
0	1	DICIONÁRIO	Sítio do Picapau Amarelo
1	35	Quem conta um conto	Coletânea de contos
1	19	Historinhas pescadas	Coletânea de contos
1	54	Era uma vez um conto	Coletânea de contos
1	8	Educação de Trânsito - Manual do Professor	
2	56	O macaco malandro	Tatiana Belinky
2	59	Vida e paixão de Pandamar, o cruel	João Ubaldo Ribeiro
3	16	Contando casos	Rolando Boldrin
3	17	Escondidos do tempo	Mário Quintana
3	1	Antologia poética	Mário Quintana
3	3	Salada russa	Tolstói e outros
3	10	Minhas memórias de Lobato	Luciana Sandroni
4	40	Coleção "Recontar" juvenil	
4	21	Poesia romântica brasileira	Alvares de Azevedo e outros
5	50	Coleção "Recontar" juvenil	
6	42	Os miseráveis	Victor Hugo

**Quadro 6** – Fragmento da planilha eletrônica utilizada para organização do acervo, em caixas numeradas, para apoio aos professores em sala de aula  
Fonte: organização da autora

É possível afirmar que toda esta reorganização foi o evento mais significativo quando se consideram todas as ações desenvolvidas, e que mudou significativamente o aspecto e organização da Sala de Leitura. Os alunos que olhavam os livros como simples objetos e deles dispunham sem nenhum interesse, chegando a danificá-los, foram aos poucos se interessando por suas ilustrações e conteúdos, compartilhando suas observações com os demais colegas sentados na mesma mesa e das mesas vizinhas.

### Organização do Calendário segundo as datas comemorativas

Esta ação decorreu da necessidade de um referencial de atividades para subsidiar a prática ao longo do ano. O funcionamento da Sala de Leitura não foi precedido de discussão com o corpo docente nos momentos de Planejamento, Replanejamento ou definição do Projeto Especial de Ação – PEA – da Escola, razão pela qual estas datas poderiam subsidiar a prática sem conflitar com os diferentes componentes curriculares e, por outro lado, contribuir para ampliação dos conhecimentos e “amadurecimento da cultura escolar”, conforme a Proposta inicial.

Em 2013 este calendário foi organizado com um tema a cada mês, a saber: Agosto – mês do Folclore; Setembro – Independência do Brasil; Outubro – dia da criança e o imaginário infantil; Novembro – Proclamação da República; e Dezembro – Direitos Humanos. (Apêndice 24)

Em 2014, dispondo de mais tempo, este calendário foi elaborado a partir das datas comemorativas previstas no transcorrer de cada semana. Assim, a diversificação dos temas foi ampliada, com maiores possibilidades de aprendizado pelos alunos. (Apêndice 3)

### **Oitiva dos alunos e a consequente digitalização do acervo**

Perante a dificuldade em reconhecer a ordem estabelecida e buscar os livros de seu próprio interesse, os alunos se manifestavam inicialmente desinteressados. Buscando entender o cotidiano estabelecido anteriormente, foram buscados indícios das atividades que eram realizadas, tanto nos armários quanto nos cadernos dos alunos, e foram encontrados uma série de exercícios dirigidos de leitura de trechos de livros seguidos de interpretação e exercícios.

Alguns alunos queriam encontrar determinados títulos e começaram a pedir com insistência que estes exemplares fossem encontrados. A maioria das solicitações estava dirigida ao livro infantil “A bruxa Salomé” (WOOD, 1996). Depois de muita busca foi encontrado um exemplar, danificado pelo tempo e manuseio, faltando folhas internas que prejudicavam o entendimento da história. Depois de algumas semanas foi encontrado outro, também com os efeitos do tempo, mas com todas as folhas intactas. Foi um grande acontecimento entre os alunos, mas antes que se perdesse entre tantos interessados na leitura integral, a Professora Orientadora decidiu digitalizar este exemplar, para que pudesse ser desfrutado ao mesmo tempo por um maior número de alunos. E assim, iniciou-se um projeto de digitalização do acervo (Apêndice 4), visando a preservação dos seus títulos mais representativos, contando hoje com mais de trinta títulos digitalizados.

### **Atividades em grupo no ambiente interno e externo à Sala de Leitura oferecendo visibilidade às atividades nela desenvolvidas**

Ao reconhecer que a Sala de Leitura oferece a oportunidade das atividades em grupos de alunos, por dispor de mesas redondas onde se acomodam cinco alunos em condições ideais, valorizou-se as ações em que o compartilhamento de informações e a socialização dos conhecimentos fossem incrementados. Desta forma, a rotina das aulas passou a exigir que os alunos trouxessem da sala de aula

um caderno e estojo com lápis de escrever e colorir. Ao final da proposta da aula, que era feita nos minutos iniciais, os alunos eram incentivados a ler e fazer registros significativos utilizando palavras e desenhos. Em algumas ocasiões as produções foram dobraduras em papel sulfite, como no caso da Festa da Primavera (Foto 13). Na Mostra Cultural, tanto de 2013 quanto de 2014, a Sala de Leitura foi preparada com o auxílio dos alunos, para a recepção da comunidade escolar. (Fotos 14 e 15)



**Foto 13** – Foto da Festa da Primavera – produção dos alunos  
Fonte: Arquivo pessoal em setembro/2013



**Foto 14** – Mostra Cultural 2013  
Fonte: Arquivo pessoal em outubro/2013



**Foto 15** – Mostra Cultural 2014  
Fonte: Arquivo pessoal em outubro/2014

A Direção da Escola criou recentemente o “Cantinho da Leitura” (Fotos 16 e 17) no piso térreo da unidade escolar deixando disponíveis neste espaço os gibis trazidos de casa pelos alunos para que pudessem trocar e compartilhar estas leituras durante o intervalo em que é servida a merenda, ou nos contra turnos escolares, quando o aluno busca entretenimento e compartilhamento de suas ideias.



**Fotos 16 e 17** – E a leitura se espalha pela escola  
Fonte: Arquivo pessoal em agosto/2014

Além disso, integraram-se campanhas educativas complementares às das Secretarias da Educação e Saúde (Fotos 18 e 19), que de certa forma reforçaram o trabalho desenvolvido pelo Professor Orientador de Sala de Leitura, uma vez que chamaram a atenção dos alunos que chegavam à Sala de Leitura.



**Fotos 18 e 19** – Campanhas educativas integradas às práticas da Sala de Leitura  
Fonte: Arquivo pessoal em agosto/2014

Um projeto especial da Secretaria Municipal de Educação também desenvolvido em 2014, o Projeto “Quem Lê Sabe Por Quê” (Apêndice 5) envolveu a comunidade escolar, reforçando as atividades da Sala de Leitura, resignificando na escola com o título de “Leitura Compartilhada”, encampado por duas professoras da casa, de 1º e de 3º anos. Nesta proposta, as professoras tiveram ao seu dispor diversos exemplares de livros com mesmo título para leitura em sala de aula e para produção livre, de acordo com estratégia a ser articulada por elas, conhecedoras das habilidades e limitações de sua turma. Após a leitura os alunos se empenharam no

prosseguimento das atividades que, depois de concluídas, foram recolhidas e juntadas em um mural, que foi exposto na classe, conforme as Fotos 19 e 20.



**Foto 20** – Produção dos alunos do 1º ano  
Fonte: Arquivo pessoal em dezembro/2014



**Foto 21** – Produção dos alunos do 3º ano  
Fonte: Arquivo pessoal em dezembro/2014

As produções revelam que mesmo alunos de 1º ano, com 6 anos de idade usufruem dos livros selecionados, apreendem as histórias que eles contêm e fazem produções significativas, adequadas à sua capacidade e habilidades motoras. Nas produções expostas, relativas aos trabalhos dos alunos do 3º ano já se observa a elaboração do texto, acompanhado sempre das produções elaboradas com materiais oferecidos pela Professora, o que motivou as correlações, por parte dos alunos.

Este projeto buscou criar uma cultura de um livro por bimestre em cada uma das séries, para que os alunos de diferentes turmas, da mesma série, pudessem compartilhar conhecimentos e realizar manifestações conjuntas mais expressivas, a serem expostas na Feira Cultural da Escola.

### **A produção individual na produção em grupo: o carimbo**

Na Sala de Leitura tanto o professor quanto o aluno estão sujeitos a um ambiente diferenciado em comparação com a sala de aula regular onde ambos os sujeitos precisam se reconhecer de uma forma diferente. A interação entre os alunos de uma mesma mesa é incrementada, o que diminui a interferência do professor durante o transcorrer da aula. Da mesma forma, é difícil coibir a interação entre

alunos de diferentes mesas, que buscam os demais colegas para noticiar descobertas e trocar informações. As conversas se ampliam, da proposta estabelecida em cada uma das aulas para o conteúdo dos livros e daí ao empréstimo dos lápis, borrachas, apontadores, canetinhas e toda a parafernália contida nos estojos individuais. Os objetos pessoais adquirem valor simbólico e alguns alunos buscam nesta oportunidade estabelecer uma relação direta com o Professor contando suas histórias e seus problemas. Buscam o reconhecimento de sua individualidade e de suas produções.

No afã do reconhecimento das produções dos alunos em cada aula, e ao considerar que a Sala de Leitura é, mais que um componente curricular é “um local privilegiado para a formação de alunos leitores...” (PMSP/SME, s.d.), foi preciso criar um instrumento que, de forma rápida, pudesse fazer constar a satisfação do Professor ao ver a produção de seus alunos. Para tanto, foi criado um carimbo que era utilizado ao final das aulas para marcar a conclusão da tarefa a contento (Figura 13). Este procedimento, perceptível pelos alunos, representou um reconhecimento dos trabalhos individuais e um incentivo à continuidade das atividades em grupo.



**Figura 13** – Carimbo utilizado na Sala de Leitura

Fonte: construção própria em agosto/2013

### **3.3 Resultados comentados e perspectivas**

#### **Biometria e ergonomia**

Cabe observar que o mobiliário disponível na Sala de Leitura é padronizado, e suas proporções atendem melhor aos alunos mais altos que frequentam os últimos anos do Ensino Fundamental. A Prefeitura dispõe de cadeiras

com a “concha” de tamanho diferenciado para as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), mas a altura da estrutura metálica que as sustenta é a mesma. (Fotos 22, 23 e 24)



**Fotos 22, 23 e 24** – Nas duas fotos superiores, ângulos diferentes das cadeiras das EMEIs e EMEFs. Abaixo, sobre uma das mesas, a comprovação de que a estrutura metálica é igual para as diferentes “conchas” plásticas.

Fonte: Arquivo pessoal em novembro/2013.

Os alunos mais novos acomodam-se com mais dificuldade nas cadeiras, e seus pés dificilmente alcançam o chão. Enquanto se mantêm sentados, sofrem com a condição incômoda e acabam por levantar-se muitas vezes, ou sentam-se apoiados sobre as próprias pernas dobradas, como pode ser observado nas Fotos 25, 26 e 27.



**Fotos 25, 26 e 27** – Três alunos das séries iniciais acomodados com dificuldade no mobiliário. Fonte: Arquivo pessoal em novembro/2013.

## Inclusão de materiais pedagógicos diversos

A curiosidade infantil foi despertada com os atlas geográficos e do corpo humano, que passaram a consultar periodicamente, procurando informações variadas que esclarecessem as mais diversas dúvidas que surgiram em suas conversas. Para transpor e adequar os conhecimentos contidos nos mapas geográficos, foram trazidos globos terrestres da Sala dos Professores, que foram sendo explorados pelos grupos na busca das informações desencadeadas pelas pesquisas escolares ou informações divulgadas pela mídia em geral.

## Novas tecnologias: redobrados desafios

O que se iniciou com o procedimento feito com a leitura de “A bruxa Salomé” foi sendo gradativamente estendido a outros títulos, aqueles mais disputados pelos alunos. Várias cópias obtidas a partir do escaneamento do livro foram salvas em discos – CDs – e entregues à Professora de Sala de Informática da Escola, que dispõe de vários terminais de computador, para acesso ilimitado dos títulos aos interessados. Esta ação de disponibilização foi ampliada aos Professores das turmas de alunos com necessidades especiais e de aulas de reforço, que puderam explorar este material com seus alunos, obtendo bons resultados. Mais de quarenta títulos foram escaneados (Quadro 7) e utilizados, tanto na Sala de Leitura, quanto na Sala de Informática e Sala de Recuperação e Reforço Escolar, com bons resultados.



**Quadro 7** – Relação dos títulos dos livros escaneados e disponibilizados para a comunidade escolar. Fonte: organização da autora

## **O equipamento de multimídia e a leitura de mundo**

O equipamento de multimídia, instalado em 1º de setembro de 2014 veio contribuir imensamente neste ambiente da Sala de Leitura, especialmente porque proporcionou o acesso à internet, com todos os recursos que oferece, e também a oportunidade de apresentação das propostas do “Calendário das datas comemorativas” por meio de slides montados a partir de imagens da internet e/outras fontes com o auxílio do PowerPoint.

Utilizando as ferramentas de busca de textos e imagens na internet foi possível nos últimos meses, oferecer aos alunos de todas as turmas uma nova perspectiva, dentro do espaço da Sala de Leitura. Foi possível visualizar e ouvir as representações dos símbolos nacionais através de vídeos do *YouTube*, homenagear o Professor, e outras categorias profissionais em seu dia; valorizar as ações desenvolvidas nos hemocentros e todas aquelas desenvolvidas pela Cruz Vermelha Internacional e Brasileira.

Mais ainda: foi possível visitar vários Museus e Bibliotecas do Mundo, conhecendo sua história e instalações, garantindo a significação dos hábitos de leitura e estudos, que promovem, a partir da Escola, a inserção de um cidadão no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo focalizando a dinâmica da Sala de Leitura da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vieira de Carvalho Mesquita durante um ano e meio ofereceu a oportunidade de uma experiência educativa diferente daquela propiciada pelo ambiente das salas de aula.

O ambiente da Sala de Leitura é, por si só, uma fonte de bens culturais acumulados por diversas gerações, que se apresentam por meio de recursos didáticos e audiovisuais variados. A motivação que se oferece para o manuseio destes materiais é geralmente sucedida do interesse no reconhecimento de seu conteúdo, que é a leitura propriamente dita.

Um leitor experiente que busca em uma biblioteca pública ou universitária um ou mais livros, ou outros materiais, de seu interesse certamente já vivenciou, quando mais jovem, a experiência de manusear e folhear despreocupadamente um livro e acabar se interessando por ele. A oportunidade de colaborar na reorganização dos livros, deixando os de maior interesse agrupados e com disponibilização facilitada favoreceu bastante o trabalho da pesquisadora em seu período inicial de atuação, quando também se inteirava da variedade e organização do acervo. Os grupos de alunos formados espontaneamente a partir das relações sociais preexistentes no contexto social se apresentaram bastante operativos e de autoestimulação elevada, pois quando um aluno encontrava uma leitura de seu interesse propunha-se a divulgar entre os colegas seu achado, compartilhando a leitura e motivando os colegas a lerem outros livros sobre o mesmo assunto. Desta forma, tratou-se de um trabalho compartilhado em comum com os alunos.

A organização espacial em mesas que agruparam em média cinco alunos favoreceu sobremaneira esta dinâmica diferenciada que, se por um lado fez com que as conversas fossem favorecidas, por outro lado motivou o envolvimento dos grupos nas práticas de leitura. A conversa, que é desaconselhada nas Bibliotecas, pois seus frequentadores, experientes, estão dedicados à leitura e estudos sobre assuntos específicos, na Sala de Leitura ela se torna aceitável, pois os alunos são em sua maioria iniciantes, especialmente os das séries iniciais, e este compartilhamento através da oralidade é até mesmo necessário e representa um ato solidário, no qual o aluno com maior facilidade leitora ajuda os colegas com mais dificuldade. Acredita-se que essa experiência, ao contrário do que se possa pensar, pode ajudar os

alunos em suas futuras visitas às Bibliotecas, uma vez que o estímulo à leitura foi desencadeado.

A partir do trabalho com os alunos, e conseqüentemente, sua repercussão no trabalho dos professores, foi possível verificar o interesse por temas de seus interesses e recomendar o acréscimo de novos temas ao acervo, o que foi solicitado à Direção da Escola. Os alunos das novas gerações têm novas demandas, pois são fruto da sociedade que se transforma pelos fatos do cotidiano e o surgimento dos equipamentos produzidos com novas tecnologias. Desta forma, pretende-se que o aluno aprenda a fazer uma leitura de mundo atual é preciso oferecer a ele, além dos bens culturalmente acumulados pelos melhores pensadores do passado, também instrumentos que lhe permitam abrir as portas do futuro em que irá conviver, dentro dos princípios da cidadania consciente.

Finalmente, a experiência do trabalho compartilhado com os alunos tendo em vista a criação de uma dinâmica estimuladora da leitura, parece ter criado situações de sociabilidade infanto-juvenil como adicional aos resultados estritos da leitura. Além disso, espera-se ter demonstrado que comemorar datas cívicas e de festas anuais, ressaltar determinados temas para estudo, como o corpo humano, que despertou intenso interesse, são resultados da própria dinâmica que se criou e como tal, parte do espaço de acolhimento e hospitalidade da sala de leitura, como se pretendeu apresentar ao longo da dissertação. Neste sentido, as Salas de Leitura oferecem aos alunos do Ensino Fundamental – a “base da pirâmide” educativa – oportunidades inúmeras de acesso prazeroso à leitura. As escolas são os “portos de passagem” pelos quais crianças e jovens passam ao longo de suas vidas e que os ensina e também tece o entrelaçamento das relações sociais de cada geração.

Espera-se ter contribuído para o debate em torno das funções da Biblioteca e das salas de leitura, que têm acompanhado a implantação desta modalidade de incentivo à leitura, assim como ter despertado a necessidade do relato de outras experiências semelhantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARELARO, Lisete Regina Gomes; JACOMINI, Márcia Aparecida; KLEIN, Sylvie Bonifácio. O ensino fundamental de nove anos e o direito à educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.1, p. 35-51, jan./abr. 2011.

BAPTISTA, Isabel. *Lugares de Hospitalidade*. In DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.) *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri/SP: Manole, 2002.

\_\_\_\_\_, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul.- dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/hospitalidade/article/view/150/175> Visualizada em 01/02/2015.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. *O que é uma instituição social*. In: FORACCHI, MM e MARTINS, J. de S. *Sociologia e sociedade*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. Disponível em: <http://www.lcgribeiro.pro.br/wp-content/uploads/2011/03/O-que-%C3%A9-uma-instituicao-social-Berger-e-Berger.pdf> Visualizada em 31/01/2015.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONDUKI, Nabil. O modelo de desenvolvimento urbano de São Paulo precisa ser revertido. *Estud. Av.* vol.25 no.71 São Paulo Jan./Apr. 2011. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142011000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142011000100003&script=sci_arttext) Visualizada em 04/01/2015.

BOUTAUD, Jean Jacques. *Compartilhar a mesa*. In: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. Tradução: Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: SENAC, 2011.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Os domínios da Hospitalidade*. In: DENKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.) *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. Luiz Octávio de Lima. *Hospitalidade*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2010.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. *O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida*. Acervo Digital da UNESP. São Paulo: UNESP, s/data. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf> Visualizada em 17/01/2015.

CHASSOT, Attico. *A Ciência através dos tempos*. São Paulo: Moderna, 1994.

DESCARTES. René. *Discurso do método*. Apresentação e comentários de Denis Huisman. Trad. de Elza Moreira Marcelina. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 1985.

DOYLE, Walter; *Classroom organization and management*. . in: Handbook of research for educational communications and technology: a project of the Association for Educational Communications and Technology. New York: Mac Millan, 1996.p. 392-431.

FAUCONNET, Paul. *Educação e Sociologia*. 12 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOTMAN, Anne. *Uma bricolagem pós-moderna*. in: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. São Paulo: SENAC, 2011.

GRASSI, Marie-Claire. *Transpor a soleira*. in: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. São Paulo: SENAC, 2011. p. 45-53.

\_\_\_\_\_. *Uma figura da ambiguidade e do estranho*. in: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. São Paulo: SENAC, 2011. p. 55-62.

GRINOVER, Lucio. *Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado*. In DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.) *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri/SP: Manole, 2002.

Haidar, Maria de Lourdes; TANURI, Leonor Maria. *A Educação Básica no Brasil*. In: MENEZES, João Gualberto ET all. *Estrutura e Funcionamento da educação básica*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

HAMEL, Gary; PRAHALAD, C. K. *Competindo pelo futuro: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da Leitura*. Trad. Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2001.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Orgs.). *Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Trad. Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAILHIOT, Gérald Bernard. *Dinâmica e gênese dos grupos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido bate à minha porta*. in: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. Tradução: Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: SENAC, 2011.

MATOS, Fátima Loureiro de. *Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades: o caso da cidade do Porto*. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.2, n.4, p.17-33, jul. 2010. Disponível em [http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/2edicao/n4/Espacos\\_publicos.pdf](http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/2edicao/n4/Espacos_publicos.pdf) Visualizada em 31/01/2015.

MAUGHAM, W. Somerset. *O fio da navalha*. Tradução Lígia Junqueira Smith. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

MAYUMI, Lia. *Taipa, canela preta e concreto: um estudo sobre a restauração de casas bandeirantistas em São Paulo*. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-05052010-105239/pt-br.php> Visualizada em 04/01/2015.

MCVEY, G. F. *Ergonomics and the learning environment*. in: Handbook of research for educational communications and technology: a project of the Association for Educational Communications and Technology. New York: Mac Millan, 1996. p. 1045-1104

MEC/INEP/Inse. Ministério da Educação. Instituto Anísio Teixeira. *NOTA TÉCNICA: Indicador de Nível Socioeconômico* (Inse). Brasília, 2013. Disponível em [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/enem\\_por\\_escola/2014/nota\\_tecnica\\_indicador\\_nivel\\_socioeconomico\\_enem\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/enem_por_escola/2014/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico_enem_2013.pdf) Visualizada em 05/01/2015.

MILANESI, Luiz. *O que é biblioteca*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MONTANDON, Alain. *Hospitalidade Ontem e Hoje*. In: BUENO, Marielys Siqueira & DENCKER, Ada de Freitas Maneti (orgs.). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2003.

\_\_\_\_\_, Alain. *Espelhos da hospitalidade*. In: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. Tradução: Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: SENAC, 2011.

MORAIS, Regis de. *Apresentação*. in: MORAIS, Regis de (Org.) *Sala de aula: que espaço é este?* 3 ed. Campinas: Papirus, 2001.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PMSP/SME, s/data. Programas e Projetos. *Professor Orientador da Sala de Leitura – POSL*. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/POSL>, s/data. Visualizada em 15/02/2015.

PMSP/SME, 2013. Programas e Projetos. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria da Educação. Programa: *Quem Lê Sabe Por Qué*, 2013. Disponível em <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/Quem-Le-Sabe-Por-Que> Visualizada em 29/01/2015.

PMSP/SME/DOT, 2006. *Referencial de Expectativas para o desenvolvimento da Competência Leitora e Escritora no Ciclo II do Ensino Fundamental*. São Paulo: SME/DOT, 2006. Disponível em [http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EnsFundMedio/CicloII/LerEscrever/Referencial\\_ExpectativasDesenvolvimentoCompetenciaLeitoraEscritora\\_CicloII.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EnsFundMedio/CicloII/LerEscrever/Referencial_ExpectativasDesenvolvimentoCompetenciaLeitoraEscritora_CicloII.pdf) Visualizada em 15/02/2015.

PMSP/SME/DOT, 2012. *Leitura ao pé da letra: caderno orientador para ambientes de leitura*. São Paulo: SME/DOT, 2012. Disponível em: [http://www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Anonimo/salas\\_leitura.aspx?MenuID=40&MenuIDAberto=12](http://www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Anonimo/salas_leitura.aspx?MenuID=40&MenuIDAberto=12) Visualizada em 15/02/2015.

PMSP/SME/DOT, 2014. *Programa mais Educação São Paulo: subsídios para a implantação*. São Paulo: SME / DOT, 2014. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/7104.pdf> Visualizada em 15/02/2015.

PONCIANO, Levino. *Bairros paulistanos de A a Z*. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2002. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8573592230> Visualizado em 10/02/2015.

PRAHALAD, C. K. *A riqueza na base da pirâmide*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen, BUENO, Marielys Siqueira, BASTOS, Sênia. Desafios da pesquisa em hospitalidade. *Hospitalidade*. São Paulo, v. VII, n.1, p.3-14, jan-jun/2010.

- SAMPAIO SILVA, Orlando. Tempo-Espaço e Memória. Disponível em: <http://www.carlosbranco.jor.br/mostratempesp.asp?codigot=663&menuvolta=listatempesp.asp&codigo=ALL> , janeiro/ 2006. Visualizada em 07/02/2015.
- SCHEMEIL, Yves. *Redes de sociabilidade no mundo*. In: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade*. Tradução: Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: SENAC, 2011.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TAVARES, Braulio. *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin*. 3 ed. Ilustrações de Mario Bag. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TROLEZI, Denise. Formação de mediadores de leitura na BSP. (set/2011) Disponível em: <http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2011/09/16/formacao-de-mediadores-de-leitura-na-bsp/> Visualizada em 08/02/2015.
- VALENTE, Nelson. *Sistemas de Ensino e Legislação Educacional*. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica e Superior. São Paulo: Panorama, 2000.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Educação Básica e Educação Superior: Projeto político-pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2004.
- VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Sala de aula: da angústia de labirinto à fundação da liberdade*. in: MORAIS, Regis de (Org.) *Sala de aula: que espaço é este?* 15 ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- WOOD, Audrey. *A bruxa Salomé*. 3 ed. Ilustr. Don Wood. Trad. Gisela Maria Padovan. São Paulo: Ática, 1996.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## TEXTOS LEGAIS E OUTROS DOCUMENTOS

### Textos legais

Constituição da República Federativa do Brasil, em 27 de julho de 1988,  
[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988\\_05.10.1988/con1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/con1988.pdf)

Lei 4.024/1961

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024compilado.htm)

Lei 5.692/71

<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1971/5692.htm>

Lei nº 8.069/1990.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm)

Lei 9.394/1996

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

Lei 11.114/05

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm)

Lei 11.274/06

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/11274.htm)

Decreto 10.541/1973

<http://www.radarmunicipal.com.br/legislacao/decreto-10541>

Decreto 11.930/1975,

[http://escolamarinadevieiracmesquita.blogspot.com.br/2012\\_08\\_01\\_archive.html](http://escolamarinadevieiracmesquita.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html)

Decreto 49.731, de 10/07/2008

[http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios\\_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=11072008D%20497310000](http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=11072008D%20497310000)

Decreto nº 54.452/2013

<http://www.radarmunicipal.com.br/legislacao/decreto-54452>

Portaria 899/2014.

[http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/DOC\\_NOTICIAS/PORTARIA\\_899\\_POLS.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/DOC_NOTICIAS/PORTARIA_899_POLS.pdf)

### Outros documentos:

Convenção sobre os Direitos da Criança (1988)

[https://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)

Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990)

<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

Declaração de Salamanca (1994)

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade (1994)

<https://blogmanamani.files.wordpress.com/2013/08/carta-da-transdisciplinaridade.pdf>

## APÊNDICES

## Apêndices

- 1 Proposta de trabalho de Professor Orientador de Sala de Leitura - POSL
- 2 Planejamento da Sala de Leitura - 2013
- 3 Sala de Leitura – Proposta de Trabalho - 2014
- 4 Projeto “Digitalização do acervo”
- 5 Projeto “QUEM LÊ SABE POR QUÊ”:  
Leituras selecionadas
- 6 Média de altura dos alunos
- 7 Média geral das diferentes turmas e gráfico

**À EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA**

**SUBMISSÃO DE PROPOSTA DE TRABALHO DE  
PROFESSOR ORIENTADOR DE SALA DE LEITURA - POSL**

*Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt*

RG 5.428.202-0 RF 691583.3.1

São Paulo, abril de 2013

### LEGISLAÇÃO REGULADORA

Regida atualmente pelo Decreto N° 49.731, de 10 de julho de 2008, regulamentado pela Portaria N° 5.637, de 02 de dezembro de 2011.

### ADEQUAÇÕES

Política Educacional da Secretaria Municipal de Educação, especialmente aos

- Programa “Ler e Escrever – prioridade da Escola Municipal”;
- Programa “Orientações Curriculares: Expectativas de Aprendizagens e Orientações Didáticas”
- Programa AMPLIAR e com os
- parâmetros adotados na Prova São Paulo.

E também aos ditames contidos no Projeto Pedagógico da Unidade Educacional.

### DISPONIBILIDADE DE HORÁRIO - JEIF

Para cumprir o estágio de 05 (cinco) horas-aula na Diretoria Regional de Educação – Santo Amaro, tão logo seja publicada a designação pelo Secretário Municipal de Educação, caso seja eleita pelo Conselho de Escola.

Participação de Reuniões, Encontros e Cursos de capacitação em serviço, conforme orientações da Secretaria Municipal de Educação e Diretoria Regional de Ensino.

Para atendimento aos alunos das turmas de Ensino Fundamental – Ciclo I acompanhados de Professor-Regente, de acordo com o que consta no Art. 10 da Portaria n° 5.637, de 02 de dezembro de 2011, no período matutino, todos os dias da semana.

Para atendimento aos alunos das turmas de Ensino Fundamental – Ciclo II no período vespertino, todos os dias da semana.

## DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Buscando atender plenamente às orientações contidas no Art. 14 da Portaria n° 5.637, de 02 de dezembro de 2011, buscarei na articulação com os colegas do corpo docente:

- regentes de classe do **Ciclo I** maneiras de atender às necessidades específicas de cada turma, favorecendo o acesso aos recursos didáticos disponíveis na Sala de Leitura, buscando contribuir na aprendizagem dos alunos durante estes estudos.

- professores que atuam perante as turmas de **Ciclo II** o desenvolvimento de Projetos relacionados a um determinado componente curricular ou interdisciplinares voltados para valorizar a aquisição de hábitos de leitura, pesquisa e elaboração de textos para avaliação direta ou produção de Mural Literário ou de aprofundamento de temas diversos.

- sob a supervisão da Coordenação, Direção e Supervisão, desenvolver Projetos que sejam sugeridos e que estejam de acordo com a realidade escolar e dinâmica própria do Calendário para o ano letivo e/ou datas comemorativas.

## PREVISÃO DE GASTOS

- O material de consumo deverá ser requisitado pela Professora e provido pela Escola, na medida de sua disponibilidade.
- Objetivando a ampliação dos horizontes culturais dos alunos, buscarei nos recursos tecnológicos, existentes ou com disponibilidade futura, o melhoramento do espaço da Sala de Leitura, buscando torná-lo um local agradável e de compartilhamento de experiências relacionadas ao hábito de ler e escrever com qualidade.

São Paulo, 22 de abril de 2013.

## PLANEJAMENTO “SALA DE LEITURA” – 2013

<b>1º SEMESTRE</b>	
<b>FEVEREIRO</b>	<b>MAIO</b>
06 a 08 -	02 e 03 -
14 e 15 -	06 a 10 -
18 a 22 -	13 a 16 -
25 a 28 -	20 a 24 -
	27 a 29 -
<b>MARÇO</b>	<b>JUNHO</b>
01 -	03 a 06 - Apresentação da POSL Elizabeth – Pequenas ideias registradas no papel
05 a 08 -	10 a 14 - Olhares e percepções sobre os livros das séries iniciais e finais do Ens. Fundamental.
11 a 15 -	17 a 21 - Manusear o acervo, reconhecendo sua variedade.
18 a 22 -	24 a 28 - Início da digitalização do acervo e informação aos alunos.
25 a 28 -	
<b>ABRIL</b>	<b>JULHO</b>
01 a 05 -	01 a 05 - Organização e encerramento
08 a 12 -	
15 a 19 -	
21 a 26 -	
29 e 30 -	

<b>2º SEMESTRE</b>	
<b>JULHO</b>	<b>OUTUBRO</b>
23 a 26 – Reabertura da Sala de Leitura e apresentação de propostas para o semestre.	01 a 05 – Dia da Música (01) e do Compositor Brasileiro (07) – MOSTRA CULTURAL (05)
29 a 31 – Sensibilização – Mês do Folclore Biografia Monteiro Lobato	07 a 11 – Nossa Senhora do Brasil – Padroeira do Brasil e seu culto.
<b>AGOSTO</b>	16 a 18 – Dia do Poeta (20) – jogral de poesias escolhidas pelos alunos.
01 e 02 - Sensibilização – Mês do Folclore e Biografia Monteiro Lobato	21 a 25 – Dia Nacional da Alimentação na Escola (21) e a alimentação saudável.
05 a 09 – Seleção de livros do “Sítio do Picapau Amarelo” e leitura	28 a 31 - Dia das Bruxas – “Halloween” (31) e a histórias vinculadas a esta comemoração.
12 a 16 – Contando histórias e apresentando os registros elaborados	<b>NOVEMBRO</b>
19 a 22 – Montagem do Painel: Folclore, Monteiro Lobato e seus personagens.	01 - Dia das Bruxas – Halloween (31) e a histórias vinculadas a esta comemoração.
26 a 30 - Sensibilização – Independência do Brasil – Museu do Ipiranga	04 a 08 - Sensibilização – Proclamação da República (15) e Dia da Bandeira (19)
<b>SETEMBRO</b>	11 a 14 - Comemoração com leituras sobre a Proclamação da República
02 a 06 – Comemoração com leituras sobre a Independência do Brasil	18 a 22 – Diversidade cultural – Dia da Consciência Negra
09 a 13 – Folhas e Flores – leituras e produções dos alunos	25 a 29 – Dia Mundial de Ação de Graças (28) = “ <i>Thanksgiving Day</i> ” nos Estados Unidos
16 a 20 – Dia da Árvore (21) e Início da Primavera	<b>DEZEMBRO</b>
23 a 27 – Frutos e sementes - leituras e produções dos alunos	02 a 06 – Dia Internacional do Portador de Deficiência (03)
30 - Dia da Música (01) e do Compositor Brasileiro (07)	09 a 13 – Declaração dos Direitos Humanos (10) – Estatuto da Criança e do Adolescente
	16 a 19 – Organização do acervo e encerramento anual

## SALA DE LEITURA – PROPOSTA DE TRABALHO

2014

A Escola, através da oportunização dos conhecimentos curriculares definidos em documentos diversos e Projetos Especiais, como é o caso da Sala de Leitura, oferece à coletividade os conhecimentos relevantes acumulados por sucessivas gerações. Este oferecimento pretende garantir às novas gerações, ainda em formação, uma bagagem relevante que irá propiciar o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LDB 9394/96 Art. 2º).

A Sala de Leitura é um espaço escolar que atende a todas as turmas de alunos da escola, de acordo com o disposto no art. 4º da Portaria 5.637/2011, em que se lê:

O atendimento às classes na Sala de Leitura dar-se-á dentro do horário regular de aula dos alunos, de acordo com o Projeto Pedagógico da Unidade Educacional, assegurando-se uma sessão semanal com duração de 1 (uma) hora-aula, sendo que cada classe em funcionamento na Escola corresponderá a 1 (uma) turma a ser atendida.

A diversidade dos visitantes atendidos no espaço da Sala de Leitura e suas características e expectativas individuais se repete na variedade de títulos, autores e gêneros disponibilizados.

Buscando coerência para o andamento do trabalho ao longo do ano letivo, adequada ao calendário escolar e contextualizada aos eventos cotidianos, uma Proposta de trabalho breve, embasada nas datas comemorativas anuais foi elaborada. Esta Proposta certamente receberá as interferências dos Planejamentos e atividades desenvolvidas pelo corpo docente da unidade escolar, mas servirá, para uma orientação mínima para dinamização desta Sala, igualmente aos nove anos do Ensino Fundamental, de acordo com a capacidade cognitiva de cada faixa etária, de forma global, e a cada aluno, particularmente.

São Paulo, fevereiro de 2014

## SALA DE LEITURA – DATAS COMEMORATIVAS - 2014

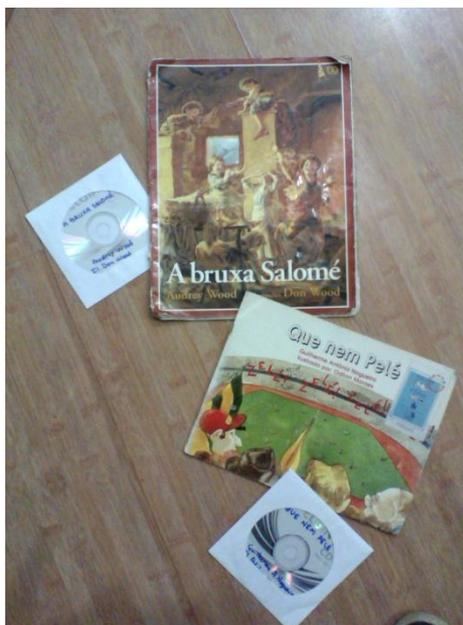
10 – 14 FEV	ENCANTAMENTO DA SALA DE LEITURA – <b>OS LIVROS</b>
17 – 21 FEV	19 – DIA DO ESPORTE
24 – 28 FEV	04 - CARNAVAL
06 – 07 MAR *	08 – DIA INTERNACIONAL DA MULHER
10 – 14 MAR	14 - DIA MUNDIAL DA POESIA
17 – 21 MAR	19 – DIA DA ESCOLA / 22 – DIA MUNDIAL DA ÁGUA
24 – 28 MAR	27 – DIA DO ATOR
31 MAR – 04 ABR	31 – DIA DA SAÚDE E DA NUTRIÇÃO
07 – 11 ABR	12 – DIA DO MÉDICO
14 – 17 ABR *	20 - PÁSCOA
22 – 25 ABR *	21 - TIRADENTES E O IDEAL DE LIBERDADE
28 – 30 ABR *	01 - DIA DO TRABALHO
05 – 09 MAI	11 - DIA DAS MÃES / <b>RESPEITO</b>
12 – 16 MAI	15 – DIA DA FAMÍLIA / <b>COMPREENSÃO</b>
19 – 23 MAI	20 – DIA DO <b>OTIMISMO</b>
26 – 30 MAI	27 – DIA NAC. MATA ATLÂNTICA / 29 – DIA INTERN. PAZ
02 – 06 JUN	05 – DIA DA ECOLOGIA (MEIO AMBIENTE)
09 – 11 JUN *	ENCERRAMENTO DO 1º SEMESTRE
07 – 11 JULH	11 – DIA MUNDIAL DA POPULAÇÃO
14 – 17 JULH	15 – DIA NACIONAL DOS CLUBES
21 – 25 JULH	26 – DIA DOS AVÓS
28 JULH – 01 AGO	02 – DIA INTERNACIONAL DO FOLCLORE
04 – 08 AGO	09 - DIA INTERNACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS
11 – 15 AGO	17 - DIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
18 – 22 AGO	23 - DIA DE LUTA CONTRA A INJUSTIÇA
25 – 29 AGO	29 – DIA NACIONAL DO COMBATE AO FUMO
01 – 05 SET	05 – DIA DO IRMÃO
08 – 12 SET *	12 – DIA NACIONAL DA RECREAÇÃO
15 – 19 SET	18 – DIA DOS SÍMBOLOS NACIONAIS
22 – 26 SET	22 - DIA NACIONAL DA DEFESA DA FAUNA

29 SET – 03 OUT	01 - DIA INTERNACIONAL DAS PESSOAS IDOSAS
06 – 10 OUT	10 – DIA DA <b>HONESTIDADE</b>
13 – 14 OUT	15 - DIA DO PROFESSOR
20 – 24 OUT	25 – DIA DA DEMOCRACIA
27 – 31 OUT	28 – DIA DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO
03 – 07 NOV	05 – DIA MUNDIAL DO INVENTOR
10 – 14 NOV	10 - DIA NACIONAL DA NOTA FISCAL
17 – 21 NOV	17 – DIA DA <b>CRIATIVIDADE</b>
24 – 28 NOV	25 - DIA UNIVERSAL DO DOADOR DE SANGUE
01 – 05 DEZ	05 – DIA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA
08 – 12 DEZ	08 – DIA INTERNACIONAL DA <b>JUSTIÇA</b>
15 – 19 DEZ	20 - DIA DA <b>BONDADE</b>
	ENCERRAMENTO ANUAL

[http://www.ponteiro.com.br/todas\\_datas.php](http://www.ponteiro.com.br/todas_datas.php)

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**DIRETORIA REGIONAL DE SANTO AMARO  
EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA**



**PROJETO DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO  
SALA DE LEITURA – SALA DE INFORMÁTICA**

*Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt  
Maria Thereza Fernandes Borges*

São Paulo, junho de 2013

**PROJETO “DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO DA SALA DE  
LEITURA”**

**FOCO DO PROJETO**

Selecionar e digitalizar os livros mais representativos e de maior interesse dos alunos,

quando disponíveis em número reduzido de exemplares, visando a criação de um acervo digitalizado que será disponibilizado para toda a comunidade escolar.

#### JUSTIFICATIVA

- Os livros que despertam maior curiosidade nos alunos em seus aspectos lúdicos e visuais são buscados mais frequentemente, sofrendo desgaste o natural do papel depois de algum tempo.

- Os (As) Professores(as) desenvolvem leituras e recomendam títulos aos alunos, o que faz com que a sua procura seja mais disputada entre os alunos.

- Alguns títulos, independentemente daqueles oferecidos nas aulas regulares, despertam a curiosidade das crianças e jovens, por estarem vinculados a filmes, jogos (= *vídeo-games*) ou livros (= *Best-sellers*) de sucesso.

#### PÚBLICO FAVORECIDO

Alunos de todas as séries do Ensino Fundamental de 08(oito) anos ou também conhecido como 9ºs anos do Ciclo II do Ensino Fundamental de 09(nove) anos.

Direção, Coordenação, Professores e funcionários em geral.

Comunidade escolar.

#### PRAZO

Indeterminado, a ser executado nos dias letivos previstos no Calendário Escolar da Unidade.

#### CRONOGRAMA

1. Identificação dos livros mais buscados pelos alunos, especialmente os das séries iniciais.
2. Verificação do número de exemplares disponíveis para reconhecimento da importância da digitalização.
3. Digitalização do exemplar e montagem da apresentação – em folhas simples ou duplas, dependendo do caráter da(s) ilustração(ões).

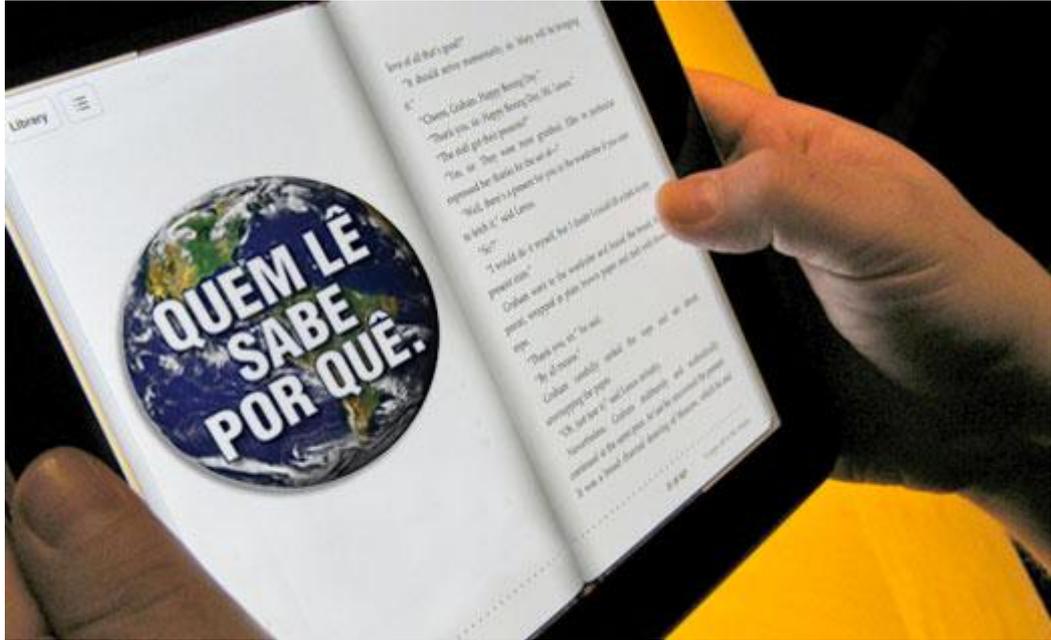
4. Gravação do livro em CD, com identificação clara do título e autor.
5. Depósito dos CDs na Sala de Informática para cópia aos Professores e acesso aos alunos, nos equipamentos disponíveis, mediante solicitação à Professor(a) da Sala de Informática (POIE).
6. A cada dez títulos gravados individualmente será gerado um CD que será disponibilizado aos Professores para que tenham conforto ao acesso ao material na Sala dos Professores, no desenvolvimento de Projetos adequados aos respectivos Planejamentos.
7. O(A) Professor(a) da Sala de Leitura poderá, a pedido do(a)(s) Professor(a)(s) digitalizar e disponibilizar qualquer dos exemplares do Acervo da Escola, ou de Acervo Particular, para uso na Sala de Leitura, Sala de Informática ou Sala de Aula regular.

#### POSSIBILIDADES FUTURAS

O *Acervo Digital* poderá ser compartilhado entre diferentes Unidades Escolares, que poderão promover Projetos de compartilhamento e integração de conhecimentos, Olimpíadas temáticas ou outros mais, futuramente.

#### MATERIAIS NECESSÁRIOS

- a) Livros do Acervo da Escola, ou disponibilizados pelos Professores.
- b) Computador com scanner de mesa.
- c) Projetor (=datashow) com tela para projeção.
- d) CDs acondicionados em envelopes de papel com visor.
- e) Caneta para identificação dos CDs.
- f) Caixa para acondicionamento dos CDs, ou fichário com envelopes plásticos para CDs.



# QUEM LÊ SABE POR QUÊ

## LEITURA COMPARTILHADA – 2014

Objetivo: Promover a leitura de um título de literatura infanto-juvenil em cada um dos anos do Ensino Fundamental. Esta leitura será desenvolvida pelos Professores Regentes, especialmente aqueles com formação específica em Língua Portuguesa. Esta prática de leitura em sala de aula, articulada às atividades desenvolvidas em Sala de Leitura, busca promover a Educação Integral, sob a perspectiva de que o hábito de leitura desenvolve nos educandos o aumento de vocabulário, a capacidade de raciocínio e abstração, habilidades estas que devem ser incentivadas durante todo percurso o Ensino Fundamental.

Execução: Durante todo o segundo semestre de 2014.

Apoio e acompanhamento: Professora Orientadora de Sala de Leitura, Coordenação e direção da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita.

Avaliação: Pelos Professores Regentes, que irão decidir a metodologia de aplicação e avaliação parcial e ao final do percurso. Será produzido um Relatório deste Projeto, que poderá ser encaminhado à Diretoria de Ensino de Santo Amaro ao final do ano letivo.

## **LEITURAS SELECIONADAS**

Estes títulos foram recebidos pela Escola na segunda quinzena do mês de agosto/2014 e devidamente tombados ao acervo da Sala de Leitura. Estão relacionados abaixo os título e quantidade de exemplares entregues às Professoras para que sejam lidos e explorados em suas diversas possibilidades, nas diferentes turmas do mesmo ano.

1<sup>os</sup> ANOS – *Vai embora, grande monstro verde* (Edward R. Emberley – 35 exemplares)

2<sup>os</sup> ANOS – *Você troca?* (Eva Furnari – 33 exemplares)

3<sup>os</sup> ANOS – *Ponto de tecer* (Sylvia Orthof – 18 exemplares)

4<sup>os</sup> ANOS – *Ri melhor quem ri primeiro* (José Paulo Paes – 18 exemplares)

5<sup>os</sup> ANOS – *Procura-se Lobo* (Ana Maria Machado – 18 exemplares)

<b>Média de altura dos alunos</b>
-----------------------------------

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	<b>1 A</b>	<b>1 B</b>	<b>1 C</b>
	1,12	1,15	1,12
	1,19	1,16	1,13
	1,20	1,18	1,16
	1,20	1,22	1,17
	1,21	1,23	1,20
	1,22	1,23	1,21
	1,23	1,23	1,21
	1,24	1,23	1,23
	1,24	1,25	1,25
	1,25	1,26	1,25
	1,29	1,27	1,26
	1,31	1,28	1,27
		1,30	1,27
		1,30	1,29
		1,30	1,29
		1,31	1,31
		1,31	1,31
		1,33	1,32
		1,36	1,36
			1,37
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA TURMA	<b>1,23</b>	<b>1,26</b>	<b>1,25</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS TRÊS TURMAS	<b>1,25</b>		

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	2 A	2 B	2 C
	1,21	1,22	1,19
	1,24	1,24	1,21
	1,26	1,25	1,23
	1,27	1,26	1,26
	1,27	1,27	1,27
	1,28	1,27	1,27
	1,28	1,27	1,27
	1,29	1,28	1,28
	1,29	1,29	1,28
	1,30	1,29	1,30
	1,31	1,30	1,30
	1,31	1,32	1,30
	1,32	1,32	1,31
	1,33	1,33	1,32
	1,34	1,33	1,32
	1,35	1,34	1,32
	1,36	1,34	1,32
	1,40	1,34	1,33
	1,41	1,34	1,33
	1,41	1,35	1,34
		1,35	1,36
		1,35	1,38
		1,35	1,38
		1,35	1,39
		1,35	1,39
		1,36	
		1,37	
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA	<b>1,31</b>	<b>1,31</b>	<b>1,31</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS TRÊS TUR		<b>1,31</b>	

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	3 A	3 B	3 C
	1,25	1,26	1,28
	1,25	1,29	1,30
	1,29	1,29	1,32
	1,29	1,31	1,32
	1,30	1,33	1,33
	1,30	1,33	1,34
	1,31	1,33	1,34
	1,31	1,33	1,34
	1,33	1,34	1,35
	1,33	1,34	1,35
	1,34	1,35	1,36
	1,34	1,35	1,36
	1,35	1,35	1,36
	1,37	1,36	1,37
	1,37	1,36	1,37
	1,38	1,37	1,37
	1,39	1,37	1,38
	1,39	1,39	1,39
	1,41	1,40	1,39
	1,41	1,43	1,41
	1,44	1,44	1,43
	1,44	1,44	1,43
	1,47	1,47	1,44
	1,47	1,50	1,44
			1,46
			1,47
			1,50
			1,51
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA	<b>1,36</b>	<b>1,36</b>	<b>1,38</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS TRÊS TUR	<b>1,37</b>		

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	4 A	4 B	4 C
	1,30	1,30	1,30
	1,31	1,32	1,34
	1,34	1,36	1,35
	1,35	1,36	1,36
	1,37	1,38	1,36
	1,37	1,39	1,36
	1,37	1,39	1,38
	1,38	1,43	1,38
	1,39	1,43	1,40
	1,40	1,43	1,42
	1,40	1,43	1,43
	1,40	1,44	1,45
	1,40	1,44	1,46
	1,41	1,44	1,47
	1,42	1,44	1,47
	1,45	1,45	1,50
	1,47	1,45	1,51
	1,47	1,49	1,51
	1,49	1,50	1,53
	1,50	1,50	1,54
	1,50	1,51	1,55
	1,52	1,52	
	1,55	1,56	
	1,70		
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA	<b>1,43</b>	<b>1,43</b>	<b>1,43</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS TRÊS TUR	<b>1,43</b>		
DIFERENÇA DE ALTURA ENTRE O(A) ALUNO(A) MAIS ALTO(A) E MAIS	<b>0,40</b>		

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	5 A	5 B
	1,38	1,33
	1,41	1,35
	1,42	1,37
	1,42	1,41
	1,42	1,42
	1,43	1,43
	1,44	1,43
	1,45	1,44
	1,47	1,45
	1,48	1,46
	1,49	1,49
	1,50	1,49
	1,50	1,50
	1,52	1,51
	1,52	1,51
	1,52	1,52
	1,52	1,52
	1,52	1,54
	1,53	1,54
	1,54	1,55
	1,54	1,56
	1,55	1,56
	1,55	1,56
	1,59	1,59
	1,59	1,61
	1,59	1,63
	1,60	1,70
	1,61	
	1,62	
	1,63	
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA	<b>1,51</b>	<b>1,50</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS DUAS TURMAS	<b>1,51</b>	

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	6 A	6 B	6 C
	1,43	1,42	1,47
	1,44	1,47	1,51
	1,44	1,51	1,51
	1,45	1,52	1,52
	1,50	1,52	1,55
	1,51	1,52	1,55
	1,53	1,52	1,55
	1,54	1,53	1,57
	1,54	1,53	1,57
	1,55	1,53	1,58
	1,55	1,54	1,58
	1,55	1,54	1,58
	1,55	1,55	1,59
	1,55	1,55	1,60
	1,56	1,56	1,61
	1,57	1,56	1,62
	1,57	1,56	1,63
	1,60	1,58	1,66
	1,62	1,59	1,66
	1,64	1,60	1,73
	1,66	1,60	
	1,71	1,65	
	1,72	1,68	
		1,68	
		1,69	
		1,75	
<b>MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA</b>	<b>1,56</b>	<b>1,57</b>	<b>1,58</b>
<b>MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS TRÊS TUR</b>	<b>1,57</b>		

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

TURMAS CONSIDERADAS	7 A	7 B	7 C	7 D
	1,55	1,53	1,45	1,42
	1,56	1,54	1,49	1,54
	1,58	1,54	1,53	1,55
	1,58	1,55	1,53	1,58
	1,58	1,55	1,57	1,58
	1,60	1,58	1,59	1,59
	1,60	1,58	1,60	1,59
	1,61	1,60	1,62	1,59
	1,63	1,60	1,64	1,61
	1,64	1,61	1,64	1,65
	1,64	1,62	1,66	1,66
	1,65	1,62	1,66	1,66
	1,65	1,64	1,69	1,66
	1,65	1,64	1,70	1,67
	1,66	1,67	1,70	1,75
	1,66	1,70	1,75	
	1,67	1,74		
	1,67	1,74		
	1,67			
	1,68			
	1,69			
	1,75			
	1,79			
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA	<b>1,64</b>	<b>1,61</b>	<b>1,61</b>	<b>1,61</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS QUATRO	<b>1,62</b>			

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

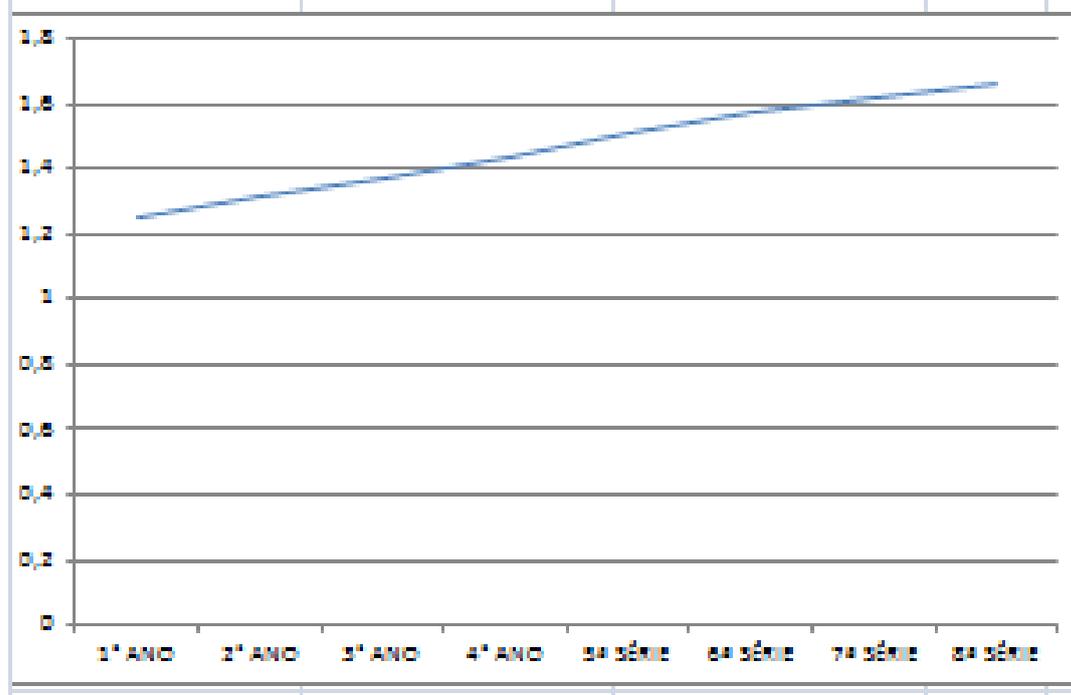
TURMAS CONSIDERADAS	8 A	8 B	8 C	8 D
	1,53	1,45	1,57	1,55
	1,56	1,56	1,57	1,60
	1,57	1,58	1,58	1,61
	1,57	1,60	1,60	1,62
	1,58	1,62	1,60	1,62
	1,58	1,64	1,63	1,66
	1,61	1,64	1,66	1,66
	1,61	1,65	1,69	1,73
	1,62	1,66	1,71	1,75
	1,63	1,67	1,72	1,77
	1,66	1,67	1,73	1,79
	1,66	1,68	1,78	
	1,67	1,69	1,79	
	1,68	1,71	1,82	
	1,68	1,72		
	1,68	1,77		
	1,69			
	1,70			
	1,72			
	1,73			
	1,77			
	1,77			
	1,80			
	1,85			
MÉDIA DA ALTURA DOS ALUNOS DE CADA TURMA	<b>1,66</b>	<b>1,64</b>	<b>1,68</b>	<b>1,67</b>
MÉDIA GERAL DOS ALUNOS DAS QUATRO TURMAS	<b>1,66</b>			

Média Geral das diferentes turmas e Gráfico

## EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA - 2013

**MÉDIA GERAL DA ALTURA DOS ALUNOS DAS DIFERENTES TURMAS**

	1º ANO	1,25		
	2º ANO	1,31		
	3º ANO	1,37		
	4º ANO	1,43		
	5ª SÉRIE	1,51		
	6ª SÉRIE	1,57		
	7ª SÉRIE	1,62		
	8ª SÉRIE	1,66		



**ANEXOS**

## **Anexos**

- 1** Declaração de Autorização da EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita
  
- 2** Folder do Programa “Quem Lê Sabe Por Quê”
  
- 3** Resultado do último levantamento socioeconômico promovido na escola, em 2013, na Avaliação Nacional da Alfabetização (A.N.A.)



DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE  
SANTO AMARO - DRE/SA  
EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA

### DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Mara Neide Zago Brito, RF 735.190.9, Diretora de Escola, autorizo, para fins acadêmicos, a utilização do nome e imagem da unidade escolar na Dissertação "HOSPITALIDADE NA SALA DE LEITURA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO", elaborada e defendida pela professora Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt, RF 691.583.3, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Rosário Rolfsen Salles, para fins de obtenção de título de Mestrado pela Universidade Anhembí Morumbi, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, conforme Edital publicado no DOC de 30/04/2013, p. 198.

São Paulo, 07 de Outubro de 2015.

  
Mara Neide Zago Brito  
RF 735.190.9/3 RG 15.884.890-8  
Diretor de Escola

EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA  
Rua Nestor de Castro, 223 - Cidade Domitila - CEP 04387-270 - São Paulo/SP  
Tel. (11) 55631971 | (11) 56773498  
e-mail emefmvmesquita@prefeitura.sp.gov.br

  
**PREFEITURA DE SÃO PAULO**  
 EDUCAÇÃO

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
PROGRAMA

  
**QUEM LÊ SABE POR QUÊ.**

25 de setembro de 2013

Programação

08 - 09h Recepção dos participantes/  
inscrições/ credenciamento.

09 - 10h Abertura oficial/ Lançamento  
público do programa  
"Quem lê sabe por quê."

10 - 10h30 Apresentação pública do  
programa "Quem lê sabe  
por quê."

**Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.**

**Paulo Freire**

**EDMIR PERROTTI**  
(Brasil)



Curador do Programa "Quem lê sabe por quê.", da Secretaria Municipal de Educação- SP. Doutor e Mestre em Comunicações pela ECA/USP. Professor Sênior da ECA/USP. Diretor Científico do Colaboratório de Infoeducação, da ECA/USP. Responsável pelas disciplinas Políticas Públicas de Leitura e Livros Infantis e Juvenis, na USP, realizou estágios, estudos, pesquisas sobre livro, bibliotecas, leitura em inúmeros países. Foi consultor do MEC/MINC em políticas públicas de leitura e criador de vários e inovadores projetos de redes de bibliotecas, em diversos municípios brasileiros.

**SILVIA CASTRILLÓN**  
(Colômbia)



Formada em biblioteconomia, com especialização em Educação. É especialista em Políticas Públicas de Leitura e Escrita. Como presidente da Associação Colombiana de Leitura e Escrita (Asolectura), ajudou a implementar uma rede nacional de bibliotecas, centros de documentação e quatro áreas de gestão cultural, em 28 cidades de seu país. É consultora de organismos internacionais como a UNESCO e a ONU. Durante sua direção, a Fundação para o Fomento à Leitura (Fundalectura), recebeu, em 1995, o prêmio IBBY-ASAHI, a mais importante distinção internacional outorgada a trabalhos de promoção de leitura. Possui numerosas publicações e seu livro O direito de ler e de escrever foi publicado no Brasil, em 2012.

**MANUEL FILIPE LEAL** (Portugal)



Licenciado em História, com curso de Especialização em Ciências Documentais e Estudos da Informação e Bibliotecas Digitais. Mestre em Ciências da Educação e Leitura. Desde 1988, bibliotecário em bibliotecas públicas portuguesas, dentre elas, a de Oeiras, onde está atualmente e realiza projetos pioneiros na área da promoção de leitura e na área de aplicação das tecnologias de informação e comunicação a bibliotecas. Desenvolve atividades de formação com particular enfoque nas bibliotecas públicas.

**MARIA BEATRIZ MEDINA** (Venezuela)



Licenciada em Letras, com estudos de pós-graduação na Universidade de Zurique, Suíça, é docente de programas de formação de leitores e de professores na Venezuela. Diretora do Banco del Libro, filial venezuelana do International Board on Books for Young People (IBBY). Dirigiu publicações como a revista infantil Parapara. É autora de inúmeros artigos e de livros, como "Panorama da Literatura Infantil Venezuela", "Tecendo pontes com a leitura, o livro, a leitura e sua promoção". É consultora de projetos nacionais e internacionais para a formação de leitores.

**MAX BUTLEN** (França)



Licenciado em Letras, Mestre em Didática, Doutor em Ciências da Educação, pela Sorbonne, França. Foi professor do Instituto Universitário de Formação de Professores, do Pays de la Loire, da Universidade de Cergy-Pontoise, além de ser responsável atualmente por Seminários sobre Livro, Leitura, Formação de Leitores, na Sorbonne, França. Convidado como consultor, conferencista, professor em diferentes países, como Argélia, Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha, Nigéria, Guiné-Bissau, Portugal, Estados Unidos, Israel, México, Paraguai, Suíça, Tunísia, Marrocos, dentre outros.

**SARAH CORONA BERKIN** (México)



Formada em Ciências e Técnicas da Informação, pela Universidade Ibero-Americana, do México e, em Comunicação Social, pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Doutorado em Comunicação Social, na Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Ganhou vários prêmios, no México, nos E.U.A., além de prêmio da Organização dos Estados Iberoamericanos (OEI), pelo projeto "Experiências Inovadoras em escolas secundárias". É autora de "Uma introdução à literatura infantil em Espanha!", editado nos E.U.A. Avaliadora do Programa Nacional de Salas de Leitura, do México.

**EMEF MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA / MUNICIPAL**  
**SAO PAULO - SP**

35053491

A Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) pretende diagnosticar os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e alfabetização Matemática, apontando fatores contextuais sobre as condições do trabalho em cada escola. Os resultados de desempenho apresentados nesta primeira edição, realizada em 2013, devem ser interpretados considerando as informações do contexto escolar.

Os resultados de desempenho nas áreas avaliadas são expressos em escalas de proficiência. As escalas de Língua Portuguesa (Leitura) e de Matemática da ANA 2013 são compostas por quatro níveis progressivos e cumulativos. Isso significa uma organização da menor para a maior proficiência. Quando um percentual de alunos foi posicionado em determinado nível da escala, pode-se pressupor que, além de terem desenvolvido as habilidades referentes a este nível, provavelmente também desenvolveram as habilidades referentes aos níveis anteriores.

A escala de proficiência de Língua Portuguesa (Escrita) também é composta por quatro níveis e, no geral, pressupõe a progressão da aprendizagem de um nível para outro. Contudo, é importante ressaltar que o processo de aquisição da escrita não ocorre em etapas lineares.

Nos resultados de Língua Portuguesa (Escrita), além dos percentuais de alunos distribuídos nos níveis da escala, apresenta-se o percentual de cadernos de prova que não foram pontuados, por conter a escrita de palavras sem relação semântica com a imagem apresentada ou escrita incompreensível.

Ao analisar os resultados da escola, a equipe escolar poderá verificar o percentual de alunos posicionados em cada nível da escala, bem como a descrição das habilidades referentes a esses níveis para refletir pedagogicamente sobre tais resultados. Poderá, ainda, analisá-los tendo como referência um perfil de "Escolas Similares", que expressa os resultados de um grupo de escolas com características semelhantes, ou seja, que pertencem à mesma microrregião geográfica, localizam-se na mesma zona (urbana ou rural) e possuem valores do indicador de nível socioeconômico próximos.

#### INDICADORES CONTEXTUAIS

O Indicador de Nível Socioeconômico e o Indicador de Adequação da Formação Docente produzem informações sobre o contexto em que cada escola desenvolve o trabalho educativo.

O Indicador de Nível Socioeconômico possibilita, de modo geral, situar o público atendido pela escola em um estrato ou nível social, apontando o padrão de vida referente a cada um de seus estratos. Esse indicador é calculado a partir da escolaridade dos pais e da posse de bens e contratação de serviços pela família dos alunos. Para melhor caracterizar as escolas foram criados sete grupos, de modo que, no Grupo 1, estão as escolas com nível socioeconômico mais baixo e, no Grupo 7, com nível socioeconômico mais alto.

O Indicador de Formação Docente analisa, em cada escola, a formação dos docentes dos anos Iniciais do Ensino Fundamental que lecionam Língua Portuguesa e Matemática. Apresenta, assim, o percentual de disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática que são regidas por professores com Licenciatura em Pedagogia/Normal Superior, Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa ou Matemática, respectivamente.

NÍVEL SOCIOECONÔMICO

**Grupo 5**

FORMAÇÃO DOCENTE

**Não foi possível calcular.**

#### PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO

O quadro a seguir mostra a previsão de estudantes para participar da ANA, com base nos dados do Censo Escolar, e o número de estudantes que efetivamente realizou as provas.

ESTUDANTES PREVISTOS

**104**

ESTUDANTES QUE REALIZARAM AS PROVAS

**96**